



RelevO

Março de 2025 / n. 7 a. 15 / ISSN 2525-2704
Periódico literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010

DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA

95% da meta

20% anúncios

80% assinaturas

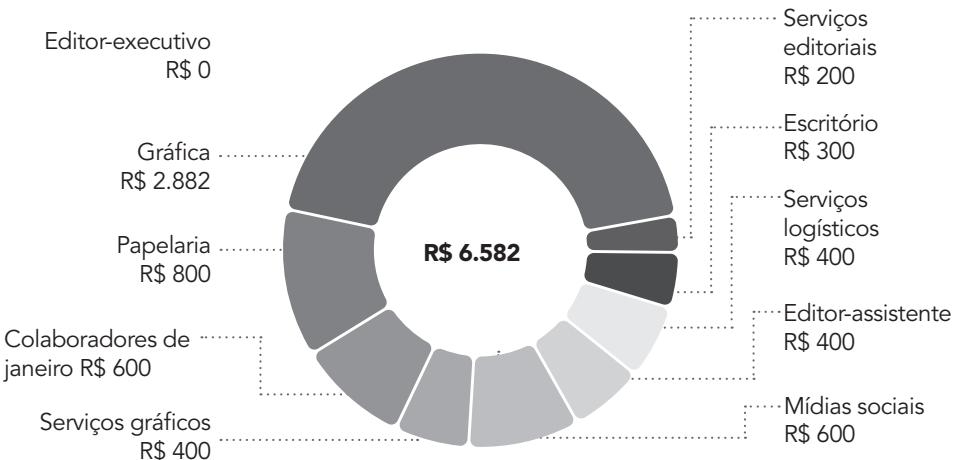
ASSINANTES ▶ **R\$ 10,00** Diego Douglas Nunes dos Santos; **R\$ 15** Maurilio Montanher; **R\$ 70** Tamara Soares; Kin Marchette, Corina Lovoan, Lana Ruff, Marcelo Cardoso Amato, Marli Voight, Fernanda Dante, Kácio de Lima Evangelista, Marlia Cavalcante, Rodolfo Selva, Jaqueline Bohn Donada, Monica Bockor, Ana Carolina Mercês Coura, Renata Lara Alves Marinho, Piera Paula Schnaider do Nascimento, Leandro Cavassin Neto, Oli Maia, Fabio Rrocha, Hercules Rodriguez, Luiz Eduardo Maciel Lopes, Alvaro Posselt, Agnaldo Coelho Jorge, André Volpato, Aaron Santana, Halisson dos Santos Paes, Benelton da Costa Lobato, Carvalho Neto, Pedro Carvalho Neto, Bruno Gréggio, Julia Santi, Pedro Barbalho, Sidnei Olivio, José Amaral Neto, Plínio Nunes de Souza, Guylherme Custódio, Katna Baran, Andreza Andrade, Alicia Magnez, Lyan Cassiel, Sidney Abel, Shara Lopes, Ana Maria Souza Rodrigues, João Victor Fiorot, Snider Marques, Yuri Rogeski, Alice Paul Leitão, Letícia Copatti Dogênski, Eduardo Pereira de Souza, Antonio Jorge Junior, Maritsa Kantikas, Iuri Victor Romero Machado, Alexandre Amorim, Lucas Jensen, Rafael Estorilio, Antonio Carlos Vieira Vivo, Teresa Fornaciari, Cris Gemaque, Marleth Silva, Sumaya de Souza Lima, Nadini Moraes, Mariane Nadaline, Marlus Aurelio Grassi Velloso, Tarcisio Botelho, Livia Woodcock; **R\$ 80** Antonio Zamarian; **R\$ 90** Jenifer Bazzi; **R\$ 100** Alisson Coelho; **R\$ 101** Daniel Babalin; **R\$ 105** Bruna Campos; **R\$ 140** Cynthia Araujo; **R\$ 150** André Greca; Estela Basso **R\$ 210** Edival Perrini; **R\$ 400** Péricles Souza;

R\$ 7.671
TOTAL ◀ **R\$ 1.000** Celso Martini.

ANUNCIANTES ▶ **R\$ 70** Flesch Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 200** Editora Sinete; **R\$ 300** Luiz Eduardo Andrade; **R\$ 350** Allejo; **R\$ 1.000** Isto Edições.

R\$ 1.990
TOTAL ◀ Isto Edições.

CUSTOS FIXOS



DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.428

DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

VENDE-SE ESPAÇO PARA ANÚNCIOS (AQUI MESMO)

Entradas totais: **R\$ 9.661**
Saídas totais: **R\$ 10.255**
Resultado operacional: **-R\$ 594**



EXPEDIENTE

Março 2025

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Rafael Maieiro
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 26 de fevereiro de 2025.



ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLICIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.



DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de **Amanda Guilherme**. Você pode conferir mais do trabalho dela em diarioartístico.com.

CARTAS

UM DIÁLOGO

Da redação • Olá, Celso, tudo bem? Obrigado pelo seu envio. O seu material não será utilizado pelo nosso Conselho Editorial. Isso não significa, de modo algum, que o trabalho não tem potencial literário: apenas não se encaixa na linha editorial das próximas edições. Fique à vontade para submeter outros materiais quando quiser. Ah, gostaríamos de enviar uma edição de cortesia do nosso periódico pra ti. Assim, você nos conhece melhor e, quem sabe, considere seguir nos acompanhando. Topa receber? Se sim, basta enviar um endereço com CEP por aqui mesmo.

Celso Godot • Opa não, obrigado... Seu trabalho editorial não se encaixa nas minhas próximas leituras. Grato.

Da redação • Então, de uma forma até inesperada, nos encontramos no melhor dos mundos. Mas ficamos parcialmente curiosos: se o seu material fosse aprovado, aumentaria o seu interesse em nossa publicação? Não precisa responder. Ambos não queremos mais aborrecimentos, imagino. Obrigado pelo retorno atencioso. A gratidão é nossa.

Kácio de Lima Evangelista • Chegou nesta sexta-feira à noite as minhas edições do Jornal. Fiquei agraciado ao ver que vieram os jornais de janeiro e novembro também. Estou gostando muito da leitura.

Ariadne Toledo Nunes Pereira • Olá, **RelevO!** Vi que a edição impressa de fevereiro já saiu, mas a on-line ainda não. Fui colaboradora deste mês e ainda não recebi o pagamento. Queria saber como vocês estão fazendo, se é no final do mês, etc. Se não, vou ter que começar a apostar... Abraços!

Da redação • Ariadne, de fato, de fato, demoramos um pouco em fevereiro (que mês...) pra colocar todos os pagamentos dos autores em dia. Mas deu tudo certo! Da edição online, sempre publicamos depois do dia 25, assim que consideramos que todos os assinantes e colaboradores receberam a edição impressa.

Nadini Morais • Seguimos para mais um ano de boas risadas e, ocasionalmen-

te, choros baixinhos com a literatura brasileira local. 😊 Ficou estranho e ambíguo isso de chorar com a literatura brasileira, mas achei apropriado também, né? Deus abençoe!

O GERENTE FICOU SÃO!

Luiz Henrique • Olá, gerente do **RelevO!** Gostaria de saber quando é feita a entrega dos jornais novos na Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Tem alguma data específica para a entrega? A biblioteca é o local mais próximo que tenho para pegar essa obra de arte impressa. 😊😊 Parabéns pelo trabalho!

Pedro Barbalho • Oi, Jornal. O prazer é meu em assiná-los. Vocês informam sobre festas/feiras literárias e outras oportunidades do tipo. Isso é muito legal. Meus alunos precisam ler histórias de revistas literárias, então vamos aproveitar bastante a revista. Trabalho com estudantes com altas habilidades e superdotação. É muito importante para eles serem criativos e participarem de concursos.

REVELO NO SUBSTACK

Jeferson Gustavo • Como é bom saber que o jornal Revelo está aqui.

Daniel Ruy Pereira • Também gostei! Sendo novo aqui, e com a vida alucinada que tenho, torna muito mais fácil ler vocês.

ENCLAVE #131: TUDO É ARTIFICIAL

Caíne Sampaio • Quando percebi o movimento dos Typical Netflix Movies, me animei. Esperava filmes da Hallmark com os quais pudesse fritar meu cérebro em narrativas simples e cotidianas, com pessoas comuns apenas vivendo suas vidas e conseguindo alguma paz no final. Óbvio que não são o ápice do cinema, mas uma boa companhia pra um chocolate quente e uma pipoca. Em vez disso, encontrei diálogos que me faziam pensar “meu deus, quem escreveu isso?”. Porém nunca seguido de uma risada do absurdo, só da quebra da fantasia que aquele filme deveria trazer. A IA nunca consegue provocar os mesmos sentimentos que a obra à qual se propõe mimizar. Ainda assim, o mundo ao meu redor parece sempre aceitar esse subproduto,

conformado a essa distopia regida pela mais ineficiente “eficiência”. Dito isto, infelizmente a IA do Spotify faz ótimas playlists pra mim, que sempre sabem o que eu quero. Que ódio.

Paradisi • Sobre o editorial da edição de fevereiro de 2025. O impresso possui sim muitas coisas em seu favor e sua defesa é ainda muito importante para o projeto de sociedade que buscamos realizar. Mas coisas nostálgicas não são necessariamente boas ou funcionais e ter apego a uma tecnologia não me parece algo desejável. Muitas das vantagens do impresso também são aplicáveis aos leitores de livros virtuais (uso o Kindle). Acho que o editorial foi um pouco injusto em não os mencionar. Eles têm vantagens que devem ser levadas em conta: poupar espaço em casa e peso na mudança, não lidar com poeira e ácaros, poder baixar um livro novamente caso perca o aparelho (quantos livros foram emprestados e não voltaram), acesso fácil a toda uma biblioteca, poupar dinheiro a longo prazo etc., principalmente para quem não sente falta de uma estante bonitinha em casa. Coisas que muitos já sabem, mas não vi até hoje elogios no jornal a leitores de livros virtuais. Seremos pessoas que buscam conhecimento é o mais importante, independentemente da mídia utilizada, e concordo que o impresso ainda é algo maravilhoso e deve ser incentivado.

Orlando Lúcio • Sinceramente, já deu. Em pleno 2025, vocês insistem em ser um impresso como se estivéssemos presos no século passado. Quem precisa de

mais papel entulhado na bolsa, de tinta sujando os dedos, de páginas dobradas e amassadas que jamais voltarão ao formato original? Na minha visão, seu charme “alternativo” é só teimosia. Todo mundo migrou para o digital, mas vocês continuam ocupando espaço, recusando-se a ser prático, fácil e acessível. Realmente, não entendo quem assina. Ou assinam só pra dar uma força.

Gizelia Carmona • Amo todos os textos do Jornal. Uma pincelada de humor, sarcasmo e irreverência. A propósito, já sou assinante.

CHAMADO DE PUBLICAÇÃO 2025

Alexia Tomásia • Em uma única publicação me convenceram a ler e a publicar.

Luiz Antônio Gusmão • RelevO, a revista sincera, há 15 anos mandando a real.

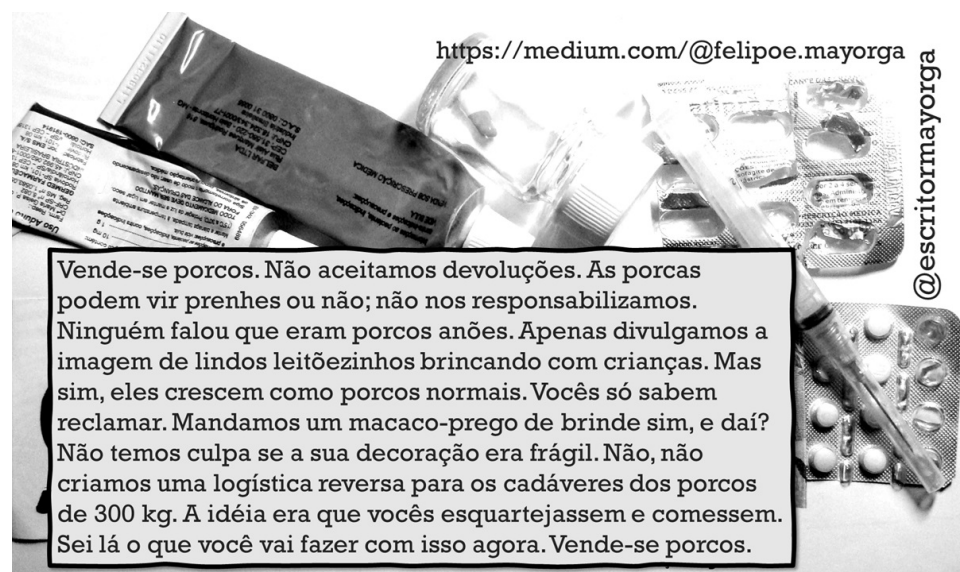
Thalita Neres • Sem brincadeira, eu sinto o Fivelab.co como se fosse a sala da minha casa, de tão confortável que é <3 e agora tem até o **RelevO** aqui!

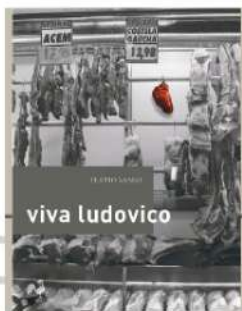
VAI SUBIR!

Gabriel Bernardo • O RelevO de dezembro participou de algumas fotos no caminho para o fim do ano e a gente se divertiu legal ao pôr do sol. Ri bastante nessa edição, vários escritos interessantes e desabafos suados. Descendo para BC, tá?

POR QUÊ?

Gabriel Ferreira • Por que a culpa é sempre do revisor?





Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

EDITORIAL

A imagem, o som e a letra impressa

Quando o **RelevO** surgiu, em setembro de 2010, éramos pura celulose e tinta, um amontoado de páginas que se recusava a obedecer a qualquer lógica que não fosse a nossa. A cada edição — com diagramação gradativamente melhor —, fomos desenvolvendo algumas linhas de certo humor caótico, ideias que se jogavam do penhasco sem saber se havia chão. Agora, estamos prestes a expandir nosso bestiário para o audiovisual. É um novo horizonte para esse modesto balcão organizado. Mas não se preocupe: ainda gostamos do cheiro do papel e da sensação reconfortante de que, mesmo se a internet cair, o impresso continua ali, firme, na gaveta, debaixo da mesa ou servindo de apoio para aquele pé de cadeira bambo. Mais: o impresso paga contas.

Nosso jornal sempre foi um convite à leitura torta, ao texto que parece errado. Agora, queremos experimentar o peso da imagem, o ritmo do som, as possibilidades do movimento — sem perder nossa veia seletiva, satírica e, acima de tudo, inquieta. Isso significa que [quem sabe] teremos vídeos desafiando a lógica do algoritmo e um conteúdo visual que, se bobear, poderá muito bem ser desenhado à mão. Vamos estudar as possibilidades, sem esquecer que nosso porto-seguro é de papel, dobra no meio e resiste ao tempo melhor que qualquer *feed*.

A expansão para o audiovisual nem tem como implicar um adeus ao impresso — longe disso! É só mais uma forma de provar que a palavra não precisa ficar restrita a um formato. Vamos testar novas formas de contar histórias e provocar. Quais? Ainda não sabemos; estamos apenas confabulando. Precisamos apenas continuar nos divertindo e desempenhando algo dentro do nosso limite técnico. Nosso singelo círculo de competência. Temos o mais difícil: anos e anos de conteúdo original, não necessariamente de qualidade.

Mas calma, para quem já estava preparando o textão, quem sabe alardeando que “o **RelevO** se vendeu para as telas”, fique tranquilo. Nosso maior sonho ainda é perder a alma para a Red Bull e virar um cone de arrancadão. Nossa tradição gráfica segue viva e forte. Continuaremos a estampar páginas com textos que desafiam padrões, referências que só três pessoas entendem e piadas que, às vezes, só fazem sentido três edições depois. A diferença é que esses mesmos devaneios febris poderão ganhar voz, trilha sonora e até dublagem dramática.

Portanto, revisem seus conceitos de Jornalismo sério e esperem por algo que nem nós sabemos exatamente como vai ser — essa sempre foi a nossa maior especialidade. O **RelevO** está ampliando sua bagunça organizada. A diferença é que, agora, talvez ela tenha vinhetas. ®

APOIADORES



MARLON REIS
& ESTORILIO
ADVOCACIA



Banca Tatui www.bancatatui.com.br
Desenho por Ângela León

São Paulo / SP



Rafael Maieiro

Epístola Pueril Sem Número 34 – Zeh Gustavo

“Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas”
M.A.

~~“(…) Não vai adiantar nada eles encostarem suas cabeças no chão e pedirem *Volte para cá, querida!* Vou simplesmente olhar para cima e dizer *Então quem sou eu? Primeiro me digam, aí, se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; senão, fico aqui embaixo até ser alguma outra pessoa...* Mas, ai, ai” exclamou Alice numa súbita explosão de lágrimas, “queria muito que encostassem a cabeça no chão! Estou tão cansada de ficar sozinha aqui!” (C., L. Alice. Zahar. 2009)~~
★

Porra, Zeh!

Está difícil. Qual o maior problema de um ouvidor: não ouvir ou não ser ouvido? Me encontro agora, em frente ao espelho, tateando estas linhas paralelas no celular. Não vou me estender por 34 minutos tentando criar, num velho passe de mágica, re-ReveladO por um youtuber-coach há 34 minutos atrás. Não, Zeh. *Não vou, não quero.* (Cantarole, deístico leitor).

Voltemos! Podia usar o nobiliárquico título de *ombudsman* para envenenar, mesmo com uma roupagem modernete, os leitores com uma cansativa leitura criticuíssima do Relevo. Mas aí, né... Que contratassem outro! Já faço o favor de escrever em linhas paralelas e outros formalismos: eu não uso blusa da Farm.

Não, Zeh. *Não, não quero.* Um jornal literário? Então, vamos lá, tentei fazer da tal da Ouvidoria um espaço da ficção. Narrar, não os fatos em si, mas a vida como ela é na sua lida — ficcionar, leitorzim, é muitas vezes mais realista do que a tentativa malfeita de descrever, detalhadamente, bobagens.

Tá, Zeh, vou. Tô te ouvindo aqui na minha cabeça. Mas por onde, pobre diabo? Merda! O espetáculo acontece a cortina, plateia apática. Fora do teatro alguém diz que não assiste a espetáculos sem banda. No fundão do teatro, quase anônima, uma moça bate uma palma como uma Deusa da Ironia e adia por alguns segundos o Apocalipse. Mas e a vaia? Cadê a vaia, o xingamento, alguma reação do Universo que não seja um xis na plataforma nazista?

Deixamos eles, Zeh?

Aguardo a sua resposta.

Beijo,

O Outro

Ainda: por enquanto, pulem esta coluna. O Relevo, este maço (martelo) de papel, pássaro voando pela rua sombria dos tempos de merda, faz algum sentido. Quem sabe ele não empastela os seus olhos para além das paralelas.

★

Mês que vem voltamos? Aguardem! Provavelmente, não teremos novidades.

★

Aguardando a resposta do Zeh:

✓



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoiévski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora Penalux.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

Fernanda Caleffi Barbeta

Risoles de presunto e queijo é muito tempo

Já antecipava o perfume do parmesão sobre o *fettuccini al sugo* quando a mensagem surgiu no celular, sem acentos, vírgulas ou desculpas: pode ser algo rápido na padaria bom dia as 3. Uma pergunta sem interrogação, talvez nem fosse uma pergunta, um bom dia que não era bom dia, e a falta de acento em rápido o incomodou mais do que a ausência da crase.

O rápido tornou-se rapidíssimo quando ela chegou 15 minutos atrasada, as alças da mochila amarrotando o uniforme no ombro esquerdo, os cabelos mal presos no topo da cabeça, me vê uma Coca-Cola, pediu para a garçonete. Ele ofereceu, não quer pedir um lanche, filha?, e a mochila

amarrotou ainda mais a blusa porque ela não a tirou do ombro quando se sentou, não, só a Coca mesmo.

Ele quis perguntar o porquê do atraso e sugerir que ela se sentasse direito, estava tão na beirinha da cadeira, mas ela diria que ele só criticava, que nada nunca estava bom, que se era pra ficar reclamando talvez fosse melhor ela voltar para a escola. Preferiu fingir que era normal uma filha chegar 15 minutos atrasada em um encontro quinzenal que levaria meia hora ou menos, com o atraso, menos; que era normal se sentar com a mochila nas costas em uma cadeira pequena, em uma mesa encurralada no canto; que era normal pedir só uma Coca-Cola

em uma padaria com um cardápio de oito páginas.

No italiano tem aquela lasanha que você gosta, podíamos ir de noite, apanhou um guardanapo, amassou, colocou de lado, a garçonete apareceu com o refrigerante, e a filha, justamente naquele dia, tinha tanta sede que entornou a bebida gelada em pouquíssimos goles, o gás marejou os olhos, irritou o nariz e saiu pela boca. O pai aguardou que ela devolvesse o copo à mesa, nem exigiu desculpas pelo arroto, queria uma resposta sobre o jantar daquela noite.

A garçonete, o corpo encostado à mesa, batia a caneta sobre o bloquinho, plec-plec-plec, e para o senhor? Ele puxou o cardápio que tinha visto e revisto nos minutos que antecederam a chegada da filha com a mochila grande demais, os cabelos muitos desgrehados no topo da cabeça e uma sede urgente, e passou os olhos apressados sobre as opções, um medo de se demorar muito nos ingredientes do lanche verão ciabata muçarela de búfala rúcula tomate cenoura ralada, e perder a chance de convencê-la a jantar com ele, ou desperdiçar o tempo de uma

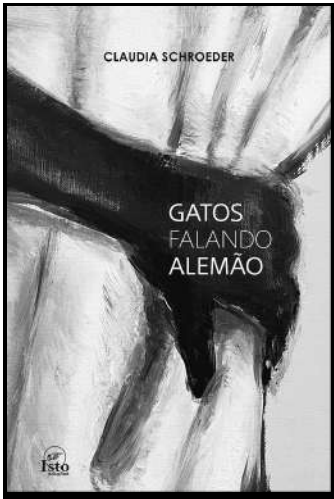
pergunta sobre as aulas na pizza à moda da casa molho muçarela presunto calabresa ovos palmito cebola azeitona, um toque em sua mão, coxinha com catupiry, sinto sua falta, filha, bauru especial peito de peru queijo branco tomate, um sorriso, empada de palmito.

Plec-plec-plec. Talvez devesse insistir, então, filha, o que você acha do italiano?, suco relaxante maracujá manjerição gengibre, ou elogiar, sua mãe me disse que você tirou dez em matemática, torta sonho de valsa massa branca recheio de creme sonho de valsa da Lacta.

Estou indo, ela se levantou, bateu a perna na mesa, o saleiro caiu, mas eu nem pedi nada ainda, o pai ajeitou o saleiro, ela ajeitou a mochila no ombro, tenho aula de Educação Física, mas e hoje à noite? à noite?, vamos no italiano hoje?, não posso, não?, tchau, pai.

Acompanhou a filha se afastando da mesa tão apertada, a cadeira tão pequena, tão pouco espaço entre o encosto e a parede, o cabelo tão displicente, o copo de Coca-Cola tão vazio, o guardanapo tão amassado e o cardápio sobre a mesa tão cheio de palavras.





Gatos falando alemão
Novo livro de
Claudia Schroeder



Foto: Fernanda Chemale

Gatos falando alemão revela os temas cotidianos através das lentes de uma das autoras mais ativas na poesia brasileira contemporânea.

Sua escrita viva brilha nos versos destes poemas "translúcidos" que "atraem como uma aurora boreal", segundo a escritora Martha Medeiros.

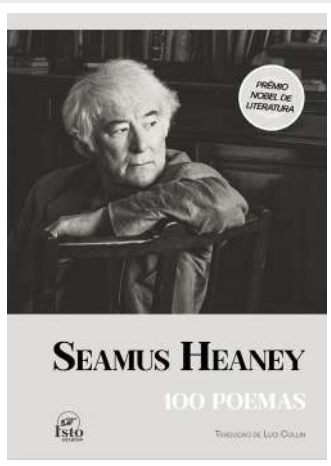


istoedicoes.com.br

Livros disponíveis online na Amazon e no site da editora

Também em formato digital

ISTO EDIÇÕES PUBLICOU:



100 poemas, de Seamus Heaney

100 poemas é uma antologia da obra de um dos maiores poetas da língua inglesa, o irlandês Seamus Heaney, vencedor do Prêmio **Nobel de Literatura** em 1995. Ele é amplamente reconhecido como um dos grandes poetas do século XX, com seu trabalho tendo um impacto significativo na literatura mundial.

A Isto Edições traz o livro ao Brasil com a tradução da professora e premiada poeta Luci Collin, em uma edição bilíngue.



João Alexandre



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Cinema de domingo

O cara sentado na poltrona O-3 não acreditava em deus ou em qualquer coisa do tipo, mas se havia algum lugar no mundo que podia ser considerado sagrado eram as salas de cinema, até mesmo aquela bosta do Shopping Estação, no Centro de Curitiba. Cinema também não era lugar para encontros amorosos. Para isso existem os restaurantes, bares, cafés e rodas-gigantes dos parques de diversão. Mesmo assim, naquela tarde de domingo, estava acompanhado da moça que ocupava a poltrona O-4. Os dois já haviam se conhecido antes e até chegaram a passar algumas noites juntos — que deixaram um gostinho de quero mais. Na noite anterior, quando ela o provocou para que saíssem novamente, ele já estava com a ideia de ir ao cinema na tarde seguinte, então uniu o útil ao agradável e a convidou.

Ela não tinha aquela devoção quase religiosa pelo cinema que ele tinha. Na visão dela, estava em um date para assistir o novo filme da Fernanda “Vani d’Os Normais” Torres e, na dele, num encontro para ver o último do Walter Salles. A sessão estava lotada e, até os trailers acabarem, o papo descontraído engatava o clima. Ambos tinham visões sobre arte, literatura, música e política que, de certa forma, convergiam.

As luzes apagaram e os créditos iniciais surgiram na tela. O barulho das pipocas mastigadas quebrava um pouco a concentração de O-3, mas era o cochicho do caszinho logo atrás, nas poltronas P-1 e P-2, que fazia seu coração bater em um compasso mais rápido do que o aceitável.

— Ai, é um filme brasileiro? —

perguntava a menina da P-1.

— Pois é, não sabia também. Tomara que não seja chato.

— XIIIUUU! — exclamou O-3, o que fez a O-4 apertar-lhe a mão em um impulso de susto, mas também como quem diz calma, calma...

Deu certo. A P-1 se sentiu constrangida, pois entendeu que era com ela. O P-2 ficou calado na hora, mas julgou aquele cabeludo à sua frente como um esnobe de merda que não tinha qualquer pingão de educação.

O filme continuou e a trilha sonora, fotografia, direção de arte, roteiro, atuações e direção de câmera fizeram com que O-3 e O-4 entrassem no universo da telona. Se tratava de um filme pesado, baseado em uma história real que incomodava principalmente a quem já sabia o final trágico que se anunciava.

Já a P-1 e o P-2 estavam lá apenas porque não tinham mais nada melhor pra fazer. P-2 estava deslumbrado pela P-1 já fazia alguns meses. Ao longo de toda a semana, puxou papo com ela pelas redes sociais e marcaram de sair naquele domingo para uma tarde no shopping. Ele queria muito impressioná-la, então vestiu sua melhor camiseta, passou o seu melhor perfume, calçou o tênis branco com detalhes em dourado que usava em ocasiões especiais e, antes de sair, foi ao seu barbeiro, dar um retoque na platina dos cabelos. P-1 quem deu a ideia de irem ao cinema para se distraírem, ao que P-2 concordou e pagou mais de 60 reais nos dois ingressos, comprou pipoca, refrigerante e foram assistir àquele filme de época chato e lento

onde nada muito interessante acontecia.

P-2 tentava pegar na mão da P-1, mas ela sempre dava um jeito de fugir. Ele começou a cochichar coisas no ouvido dela para lembrá-la, de certa forma, que ele ainda estava lá. Coisas como: “tá confortável?”, “precisa de mais pipoca?”, “quer que eu suba o braço da poltrona?”, “não é aquele cara da novela?”... Esses cochichos chegavam à orelha direita de O-3 como zumbidos de um pernilongo à noite.

Então, em um dos momentos mais tensos do filme, quando é revelado à personagem de Fernanda Torres que os militares haviam mesmo matado o seu marido, a P-1 solta em um tom de voz mais alto que o habitual:

— O que que ele disse?

— Por que você não cala a boca, porra?! — respondeu O-3.

A O-4 se assustou, embora entendesse os motivos de seu date, e acabou dizendo bem baixinho, no ouvido esquerdo de O-3, um “que vergonha”, ao que ele respondeu de forma rápida e direta, mas em um tom alto o suficiente para que o cinema ao seu redor ouvisse e assimilasse a mensagem:

— Quem tem que sentir vergonha é a mãe desses filhos da puta.

A mensagem foi assimilada e O-3 se deu por satisfeito pelo restante da sessão. Era realmente um filme muito bom. No entanto, o mix de sentimentos no silêncio imposto às poltronas P-1 e P-2 ficaram completamente desligados das imagens projetadas na tela. Como ele pode ter chamado a minha mãe de puta?, pensava P-2. Quem ele pensa que é? Minha mãe não teria vergonha de

mim. Sou trabalhador, acabei de tirar meu supletivo, ajudo em casa. Quem esse viado pensa que é pra falar assim comigo e com a minha mina em público? P-1 ficou em silêncio e suando, com o coração batendo de forma acelerada em seu peito. Ela nunca fora tão humilhada na vida. A humilhação foi tanta que, quando ainda faltava mais de meia hora pro final do filme, P-1 anunciou a P-2 que não aguentava mais e queria ir embora. Em silêncio, seguiram para fora do cinema.

— Meu Deus, nunca fui tão humilhada na minha vida.

— Também fiquei puto, gata, mas esquece. É só um playboy babaca.

— E você não fez nada!

— Mas o que você queria que eu fizesse?

— Alguma coisa. Qualquer coisa. Que humilhação!

— Cê queria que eu levantasse no meio do filme e batesse naquele viado?

— Seria alguma coisa, mas você só ficou ali, parado, em silêncio, feito o bundão que você é.

P-2 não sabia o que responder e ela continuou:

— Olha, não dá mais. Vou pra casa. Já cansei desse rolê.

— Gata, não faz isso. Por favor...

— Me esquece, tá bom? Bem que me disseram que você era um frouxo mesmo.

E foi embora, deixando P-2 plantado no meio do shopping, em frente à loja de brinquedos. Ele virou para o lado e seus olhos bateram direto em um kit de policial para crianças. Uma caixa com um quepe de guarda, algemas, walkie-talkies e uma pistola preta de plástico muito realista. Ele ficou um tempo olhando para aquele kit, mais precisamente para a pistola de plástico. Então quer dizer que eu sou um frouxo? Um bundão? Entrou na loja de brinquedos e comprou, parcelado em três vezes no cartão de crédito, o

kit de policial para crianças.

Os créditos finais subiam dentro da sessão. O-4 queria ir logo embora, mas O-3 pediu para ficarem mais um pouco — ele gostava de ler os nomes de quem havia participado da produção. Eles saíram da sala e foram ao banheiro do cinema antes de ir embora. Era domingo e o filme não era do tipo que dava um clima gostoso para a noite que se anunciava. O-3 acompanharia O-4 em casa, se despediria com um beijo e depois iria para o seu apartamento, apertar um baseado, escutar o seu vinil do “Carlos, Erasmo”, talvez pedisse uma pizza e relaxaria, pois teria que bater ponto na redação amanhã de manhã.

— Esses militares são uns covardes mesmo — dizia O-4, caminhando de mãos dadas com O-3 já fora do shopping, enquanto cruzavam a Praça Eufrásio Correia até a Rua Barão do Rio Branco.

— O sujeito quando coloca uma farda deixa de ser um ser-humano. Por isso que não se deve derramar uma lágrima quando milico ou policial morre de tiro.

— É, eu concordo.

— Meganha não é gente, é táubua de tiro ao alvo.

A Barão do Rio Branco estava vazia, com o comércio fechado. Só os dois caminhando e conversando, não notaram o pivete de cabelo platinado que os abordou.

— Então quer dizer que a minha mãe é puta, é?

P-2 apontava para os dois a pistola de plástico, bem na cara de O-3. Foi tudo tão rápido que não souberam o que pensar exatamente. Continuaram em silêncio.

— Fala na minha cara agora que a minha mãe é puta, seu viado!

O-4 estendeu sua bolsa de forma automática pra ele.

— Tá o meu celular aqui. Carteira. Dinheiro. Pode levar.

O-3 ficou na frente da moça, com a pistola a um palmo de distância do seu nariz. Ele ia entregar o seu celular ao P-2 também, mas o pivete de cabelo platinado não demonstrava interesse nos objetos.

— Repete na minha cara que a minha mãe é puta!

— Eu nem te conheço, cara. Pode pegar o celular, a gente não vai reagir.

— Não quero seu celular. Quero um pedido de desculpas.

O-3 continuou sem entender, mas a cabeça começou a funcionar e ele então perguntou:

— Você é o cara do cinema?

— Ah, viu só, você sabe quem eu sou. Isso não é jeito de tratar alguém. Humilhar alguém em público. Falar da mãe de alguém em público. Você não sabe quem eu sou, qual a minha história, de onde eu vim...

O-3 não acreditava em deus ou em qualquer coisa do tipo. Aquilo era um absurdo e, mesmo com uma arma quase colada na sua cara, ele ficou com raiva.

— Você é o cara que não calava a boca — falou. A O-4 tremeu tanto que soltou a bolsa no chão. — Você e aquela arrombadinha que tava junto de você, né? Ela tá por aqui também?

P-2 não esperava por isso, ainda mais daquele cabeludo.

— Cuidado com o que você fala, senão abro um buraco na sua testa.

— Pode abrir, seu merda. Não vou pedir desculpa. Não sei quem você é, de onde você veio e também não me interessa. Você é um bosta. Um sujeitinho ridículo e insignificante. Um merdinha que deveria voltar pra dentro da buceta da puta da sua mãe pra ver se vira gente.

P-2 não conseguia entender o que estava acontecendo. Ninguém nunca havia falado assim com ele. Nunca. A mão dele tremia de raiva. Até chegou a puxar o gatilho da pistola de plástico, na esperança de que uma bala de verdade saísse e explodisse a cara de O-3. O-4 chorava, em choque.

— Por que você não me mata de uma vez, hein, seu merda? Além de folgado e pentelho, mostra que você também é burro.

A mão de P-2 tremia. O que ele podia fazer?

—Vai! Puxa o gatilho. Mostra que você é o orgulho da mamãe!

P-2 bateu com a pistola de plástico na cara de O-3, mas O-3 não sentiu. Chutou o saco do pivete, fazendo com que seu corpo magricela caísse no chão. Foi aí que algo se apossou dele. Não era deus, mas podia ser coisa do tipo. Chutou a boca de P-2 e uns três dentes voaram pra calçada. Pisoteou a cabeça daquele pivete com uma violência e uma raiva que nem ele sabia que tinha. Um chute para cada mastigada de pipoca, para cada cochicho, para cada golada de refrigerante.

— PARA, PARA, PARA! — gritava a O-4. — JÁ DEU, JÁ DEU, JÁ DEU!

O-3 continuou chutando, até ver que o rosto do pivete havia sido reduzido a uma pasta vermelha com o cabelo platinado. Ele parou e sentiu medo de si mesmo. O que estava acontecendo?

— Qual é o seu problema? — perguntava O-4. — Ele já tava no chão. O que foi que você fez?

O-3 ficou em silêncio, vendo o corpo de P-2 na calçada, imóvel.

— Chama uma ambulância — finalmente conseguiu dizer. — Chama a polícia.

As viaturas chegaram à Barão do Rio Branco depois de alguns minutos. O corpo de P-2 foi embrulhado em uma maca e colocado dentro da ambulância, mas a sirene não foi ligada. O-4 chorava sem parar, soluçando. Dois policiais fardados colocaram O-3 na viatura e o levaram à delegacia para prestar depoimento, mas ele não fazia ideia do que dizer.

Maurilio Montanher

Nem por um segundo

Aquele ano começou com o vento soprando diferente. Antes do vírus, houve a chegada de Omar. Ele soltou as malas e cumprimentou a tia.

“Pode ficar o quanto quiser, querido.”

“É só até achar um apartamento.”

A prima apareceu sem muito entusiasmo. Após um abraço ligeiro, Ana se afastou. Omar reparou no cabelo dela: continuava escorrendo pelos ombros, flamejante. Resistiu ao impulso de jogar uma mecha para cima, de surpresa, para lembrar os velhos tempos. Em vez da menina espontânea com quem brincava, deparou-se com um olhar impenetrável.

A tia o ajudou a arrumar as coisas no quartinho. Trocaram a roupa de cama, arejaram o ambiente e improvisaram uma mesa para estudo. Com ar nostálgico, ela observou Omar empilhando livros no armário. Era o sobrinho favorito do marido.

“Ana é ruiva. A única da família”, Omar lembrou-se de sua mãe dizendo quando ele tinha 12 anos. No mesmo dia, a prima sugeriu uma brincadeira nova. Ele a cobriu com um avental de cozinha numa cadeira de salão improvisada. Borrifou água, esforçando-se para desembaraçar o cabelo com uma escova. Passaram a tarde inventando penteados com presilhas e elásticos. Ela fazia poses, pedia para se ver no espelho. Só não podiam cortar de verdade.

“Sabia que nasci de parto normal?”, perguntou Ana, distraído o primo de uma tentativa de trança. Na hora, Omar não compreendeu. Precisou recorrer aos adultos. A resposta o fez passar o resto do dia boquiaberto. Não saía de sua cabeça ter nascido de um jeito diferente da prima. Antes de dormir, incluiu entre as preces: “Abençoada seja a vagina da tia Glória. Foi por lá que Ana escorregou para o mundo”. Instantaneamente, sentiu-se besta pelo pensamento. “Bem, você entendeu”, sussurrou a Deus, por fim.

★

“Vão poder ir juntos pra universidade”, disse Glória durante o jantar. “E vai ter alguém pra te vigiar nas festas, viu.”

Ana torceu o nariz.

“Sou mais velha, lembram?”

“Três meses”, acrescentou o primo.

“Ainda assim, mais velha que você”.

Omar não queria ser uma visita inconveniente. No dia seguinte, despertou cedo, vestiu o avental florido da tia e preparou o café. A prima, sonolenta, pegou uma fatia de torrada e foi comer na sala. Por algum motivo estranho a Omar, Ana se mantinha num mar de introversão, do qual só saía após um acesso de fúria.

“Que merda!”, ela exclamou ao saber que as aulas iniciariam a distância. Uma medida excepcional. Era preciso que todos se fechassem em casa para evitar uma doença nova. De repente, falava-se apenas disso na TV.

“Não fiquem o dia inteiro de pijama, hein?”, dizia Glória antes de pôr a máscara e sair de casa. Os primos, por outro lado, se habituavam à rotina doméstica. Viviam largados no sofá, cada um equilibrando seu notebook no colo em posturas inusitadas para assistir às aulas. Omar acordava com o nascer do sol, fazia meditação e batia de leve na porta dela.

“Bom dia, bela adormecida”.

Ana costumava arrastar as pantufas até o banheiro, rabugenta. “Melhor não ligar a câmera hoje. Vai matar os colegas de susto”. A esse tipo de provocação, ela respondia com pequenos tapas e socos. Quando Ana ficava nervosa, Omar tinha a impressão de ver os fios alaranjados se arrepiando, como num desenho animado.

“Seu bigode”, reparou a prima.

“O que tem?”

“Lembra o do meu pai”.

Omar limitou-se a sorrir e logo mudaram de assunto. Ele nunca sabia o que dizer quando o tio era mencionado.

★

“Parecemos dois recém-casados”, alertou Ana num corredor do supermercado. Discutiam sobre o melhor alvejante. Entre argumentos longos e inflamados, mal notavam as pessoas tentando passar com o carrinho ou alcançar a prateleira, como se imunes ao clima de fim do mundo instaurado ao redor. Ana acabou cedendo à opinião de Omar. Ele quem faria a maior parte do serviço, de qualquer forma.

Em casa, estenderam as máscaras no varal e desempacotaram as compras na cozinha. “Limpa estas com álcool em gel, vai guardando tudo”, disse Ana. “Depois, pode começar a faxina”. Sem esperar uma reação muito proativa, Omar questionou em que parte ela ajudaria. “Preciso de um banho primeiro”.

Enquanto limpava a sala, Omar ouviu a prima sair do banheiro em passos pesados. “Viu o secador?”. Ele desviou a atenção do piso, esfregava uma mancha de joelhos no chão. Com uma toalha enrolada na cabeça e outra no corpo, Ana calçava os chinelos de banho. Omar observou um fio de água escorrendo pelo pescoço dela. Respondeu com a cabeça, em sinal negativo. Ela deu meia-volta, impaciente. O barulho do secador não demorou a soar.

Então, a prima ressurgiu com roupas confortáveis, a juba devidamente escovada. Aproxima-se de Omar, sentado no sofá.

“Tô pensando em cortar, o que acha?”

“Não sei”.

“Você não entende nada”.

★

No tempo livre, os primos apreciavam a obsessão de Ana: reality shows de culinária. “Tão errando tudo, deviam ser eliminados!”, bradou ela como uma torcedora fanática. Opinava sobre cada passo dos participantes. “Vou me inscrever na próxima edição, aposto que venço esse programa. Não acha?”

“Claro, claro...”, respondeu o primo.

Embora não compartilhasse da animação, Omar foi convencido: tentariam os pratos em casa. Ana seria a chefe; ele, o ajudante. Ela pesquisava as receitas, sedenta por novidades, até decretar a refeição do dia. Carbonara, espaguete ao alho e óleo, risoto, *mac and cheese*.

“Vai jogando o queijo”, disse Ana, puxando a colher de pau. Ela mexeu o molho viscoso em movimentos rápidos, circulares. “Por que foi escolher cheddar? Vou ficar o dia todo arrotando esse gosto”.

“Não vai beijar ninguém, mesmo”, respondeu Omar. Ana revirou os olhos.

“Confere se o macarrão já deu ponto”.

“Como?”

“Al dente”. Ana submergiu a colher na panela e ofereceu na boca dele. Omar pareceu confuso, os dentes cerrados. Ela pinçou o macarrão e levou à própria boca. “Ainda não, falta um pouco”.

A princípio, prevaleciam as massas. Mais tarde, com alguma experiência, arriscaram comida japonesa. “Segura como se fosse uma caneta, olha, o outro você mantém parado, apoia nesse dedo, o anelar”, explicou a prima. Mas era impossível, Omar insistia em derrubar os hashis e estragava a própria experiência gastronômica.

“Na minha cidade não tem restaurante japonês”.

“Menino do interior”.

“Desculpa, chefe”.

Ao chegar do trabalho, Glória experimentava pratos diversos. Os cozinheiros sempre aguardavam sua crítica. “Assim que isso tudo passar, podem abrir um restaurante”.

★

“Acha que esse chefe francês puxa o sotaque de propósito?”, perguntou Ana, o olhar fixo na TV.

“Je ne sais pas.”

“O quê?”

“Je ne sais rien.”

“Fala direito, não sei francês”, disse ela, cutucando com o pé.

“Nem eu. Je voudrais un croissant, s'il vous plait. É tudo o que me lembro”.

Ana continuava chutando, mas foi contida.

Omar pressionou os polegares, sem pressa. As solas eram macias. “Faz sentido, ela nunca está descalça”. Ele notou as mechas compridas fluindo para baixo, como o curso d'água de um rio tranquilo. “Que gostoso, o que mais sabe fazer?”, ela indagou. As sobrelhas do primo levantaram-se, como quem acaba de ter uma ideia. Ana permitiu que ele escolhesse a cor. Usando uma almofada de apoio, Omar lixou cada unha antes de tingi-las com o pincel mergulhado em geleia de amora. Depois, ajustou os detalhes com um palito pontiagudo. Parfait.

O primo exibiu um sorriso bobó, o mesmo semblante de menino. Ver a expressão já conhecida se delinear num homem formado fez Ana estremecer. Um arrepiou percorreu o seu corpo, reativando sensações desvanecidas, seladas no passado.

Quando o programa terminou, Ana ainda não sabia se o sotaque do chefe era genuíno. Aproximou-se de Omar, deslizando pelo sofá. “Aparou o bigode?”, perguntou, tocando-lhe o rosto com a ponta dos dedos. Ele contemplou de perto os lábios rosados da prima, as sardas brilhantes, o cabelo longo sob a luz da TV. Com as testas quase se tocando, os olhos de Ana fecharam-se lentamente; os de Omar, não. Diante dela, não pôde fechá-los nem por um segundo.

Jorge Cardoso

“Divinity or madness, I’m going there.”

NA GAIOLA PRETA

Tudo começou com esta frase que eu li de um poeta americano que encontrou um guri pelado, sim, um guri, um moleque, não um guru. Em uma floresta, acho que na Amazônia ou na fronteira com o Peru. Um indígena o convidou para tomar um chá alucinógeno. E ele veio com essa: “Divindade, graça divina ou loucura, eu vou lá!” Eu nunca fui pôr os pés na água preta. Só vi panteras na TV e negras quando a minha timidez mesmo assim as afastava. Eu sempre fui muito assustado. Nunca quis me encontrar nem comigo mesmo nem com ninguém. Quando bebia era mais fácil. Fodidaço de álcool.

As pessoas não me dizem nada, não fazem muita diferença para mim. Estou velho. Ph7. Por isso eu sempre tive muita dificuldade em me relacionar.

Gênesis 4:14. Me dá um dinheiro aí. Com os meus filhos foi fácil.

Feito bichos em uma gaiola eu os vi crescer, jogava água, pão e sol quente para eles, os alimentava em conta-gotas com a mesma verdade que eu escondia de mim, de quem eu era ou pensava das coisas; mas quando se tornaram grandes feito uma jiboia, ou um chimpanzé sem fraldas que se redescobre selvagem eu também fugi deles (fujo pra caralho) e tranquilo me trancafeiei à minha própria gaiola, pelo lado de dentro, em um apartamento sem quarto com um banheiro emendado em uma cozinha e a receita do bolo que voa aos rodopios por cima da minha alma: Sozinho Ceará. Sempre sozinho. Serás. Dizem ser autismo. Não. Se eu fosse autista já teria morrido. A minha alma é atrofiada, anã. Contralto. Sou forte e fraco — a fortaleza e o meu calcanhar esfolado não cabe a mim. Que me julguem os outros. Eis a nobreza de gente pobre. Inventada. Nem sou o bam-bam-bam. Me canso fácil. A única coisa que eu fiz nessa vida foi tentar. Tentei o diabo das casas de macumbaria. Mas esse não teve muito interesse na minha alma depois que notou que ela também envelhecia presa ao meu corpo. E, eis a alma cansada, que não serve mais para nada a não ser perecer presa à carne e ao mármore fundido ao plástico da privada — olhando ao acordar com zumbidos nos ouvidos para o relógio e o tempo escorrendo — no trono. Sem potência não me tornei alguém importante que pudesse explodir violento e apagar com guerras e motins as esperanças do mundo, de um país, de uma cidade, de uma tribo rodeada de cegos brandindo molhes de trigo em chamas que ao meu comando incendiariam a si mesmos.

- Malvadão, hein?
- É malvadão *merrrrmo* e que se foda, ô Zeus babaca!

Falhei, mas vou continuar tentando.

Escrever não apenas nos engana, mas faz bem — recomendo

... a gostosa

Na gaiola preta.

ANÚNCIOS DO FUTURO PARA SOLUÇÕES DO PASSADO

O **RelevO** é analógico, e o analógico está com tudo. Sobrevivemos à era dos blogs e agora, ironicamente, somos impulsionados pelo TikTok ou o que quer que nossos sobrinhos usam, porque tentar acompanhar é por si só a grande derrota. A questão é... por que parar no papel? Na Polaroid? No livro capa dura? Por que não absorver os charmes de um passado que não existe mais? *Todos* os charmes do passado? A gente te mostra como!

Extração de dente sem anestesia

Anestesia tem suas vantagens, não podemos negar. Não à toa, porém, usamos o termo “anestesiado” para um estado de paralisação, ou seja, de quem não está vivendo a *experiência*. E hoje aprendemos — curiosamente, com ricos que já têm tudo — que o importante não é *ter*, mas *viver* tudo, desde a possibilidade de passear pelos destroços do Titanic até uma expedição privada à Lua. Mas pensemos em estratégias mais comezinhas, como resolver uma dor de dente, algo tão banal quanto emergencial. Por que não transformar o básico em inesquecível? Portanto, extrair um dente sem anestesia é a verdadeira montanha russa (ou roleta?) de emoções capaz de nos conectar um pouco mais com nós mesmos. Que tal rejeitar essa modernidade superficial e apenas arrancar uma parte do seu corpo como ele merece?

Camisinha com tripa de porco

O que você faz entre quatro paredes não nos interessa, mas, se for divertido ou bem peculiar, bom, talvez nos interesse um pouquinho. A camisinha moderna pode ter evitado vários, *vários* erros da humanidade, porém também gerou muito constrangimento no seio familiar quando nossos pais foram forçados a balbuciar conselhos sexuais para os filhos adolescentes, sem falar nas experiências de inabilidade com o artefato. Traumas, risos histéricos, vontade de fumar: a que custo tal proteção? Qual é a graça de utilizar recursos sintéticos quando a natureza já nos oferece tudo de que precisamos? Por isso, defendemos um contato maior com o próprio corpo e, de certo modo, com o corpo de outros animais, todavia não vamos pensar muito nisso pra não gerar algum tipo de conflito existencial ou com a Constituição. Nossa busca é por uma sensibilidade aguçada — contra a industrialização, a uniformização, o futebol moderno. Faça amor com amor.

Fordismo: racha de carro antigo de *verdade*

Os carros ficaram muito caros, todo mundo sabe disso. Componentes desnecessários como airbags, sensor para estacionamento e freios ABS inegavelmente aumentaram a segurança do trânsito, porém nos afastaram de nossos anseios mais primais: carro não é para transportar, carro é para se divertir — e se divertir em um racha é muito mais emocionante que o trânsito de São Paulo. Dessa forma, em busca de adrenalina com um tantinho de inconsequência juvenil, propomos a criação da Oficina 1908, em que consagrados restauradores simplesmente pegam carros populares

atuais, implantam tecnologias centenárias e desimplantam algumas ferramentas supérfluas, instalando freios menos seguros e deixando muito mais aço para não haver risco de amortecimento em caso de colisão. É só se inscrever no Jockey Club mais próximo nas provas de domingo. Obs.: tem estacionamento para cavalo.

Cauterizar é amar

Suturas simétricas, injeções calculadas, anestesia. Tudo isso é muito mecânico, vulgar, antiestético. A medicina se afastou da arte a partir do momento que aprendeu como funcionavam germes, bactérias e o éter, induzindo pobres pacientes à experiência de sono. Qual é a certeza de que, em vez de operar um tendão de Aquiles, os médicos não implantaram um chip que possa até prejudicar a sua sexualidade? Para uma verdadeira experiência de vida, como um pirata no século 18 ou um sobrevivente de um duelo (ou ambos), nada supera a cauterização violenta de uma grave ferida. Afinal, de que maneira você aprenderá com suas cicatrizes se não queimar seu corpo agressivamente com elas? Qual será a lição sem sentir o cheiro de churrasco de seu próprio abdome? Como não estamos presos às estruturas do passado, engatamos até um patrocínio Johnnie Walker para o paciente poder beber uísque de qualidade durante a operação, reduzindo os impactos da dor extrema, mas mantendo-o tão consciente quanto nossos pais depois da passada no bar mais próximo antes de ir pra casa. Trata-se de uma série produzida especialmente para ambulatorios. *Keep crawling.*

Roupa se lava no rio e se seca quando Deus quiser

Minha avó costumava dizer que a máquina de lavar foi a maior revolução de sua vida. Ela também costumava dizer que tudo se soluciona com pena de morte ou, no caso da minha prima — que era um pouco mais cheinha (de novo, palavras dela) —, que tudo também se resolve com abate. Não podemos levar tudo que esses *velhos* falam a sério: nosso papel é ressignificar suas experiências de uma maneira *legal*. Com isso em mente, quem disse que lavar roupa deve ser uma atividade tão *boring*? Por que não transformar esse problema em outro momento de contato com a natureza, inclusive dependendo dela, mesmo morando em uma cidade já próxima do pós-apocalipse de *Mad Max*? Usar as mãos auxilia a incorporar sentido ao processo — ao menos foi o que eu disse que a nossa diarista disse. Ai, adoro a Célia. Vamos molhar as mãos juntos no Tietê? (Vai indo que eu já te alcanço...)

Quem não se toca do erro de estocar?

Assim como *Café com Deus Pai*, o sucesso da conservação de alimentos é extremamente superestimado e até desagradável. O sabor está no frescor, e o frescor está na espontaneidade. Se a natureza quis que apodrecesse, então podre há de ser. Aliás, “podre” é um termo tão forte. Dizem que o cheiro é inconfundível, mas tenho certeza de que estão exagerando. Preferimos chamar de “*post-mature*”, ou PM. Bem, depois que o ser humano deixou de salgar os alimentos até eles parecerem camisinhas de tripa de porco e começou a estocar comida em geladeiras e *freezers*, pudemos observar o fim da experiência lúdica de caçar ou de comer apenas o necessário. Sem falar que comer alimento estragado deixava a sociedade mais consciente do risco de estocar alimentos, dando mais sentido ao ato de reunir-se à mesa pela última vez ou simplesmente evitando ingerir lasanha congelada com beronha fossilizada. Você quer comer beronha? Quer?

Assinar um jornal literário

A disrupção final, a rejeição absoluta das palermices modernas. Diante da literal infinidade de conteúdo disponível a um clique, por que não investir num impresso que chega à sua casa apenas uma vez por mês, obrigando-o a praticar a mais essencial das virtudes contemporâneas: a espera? Por que não investir num negócio que não se mexe, com textos que podem ou não fazer sentido, dependendo do nível de estimulante no seu organismo? Quem precisa de algoritmos quando se tem o prazer de virar páginas repletas de referências obscuras, poesias herméticas, editoriais chorões e contos que podem ser apenas fruto de uma insônia mal administrada? A assinatura de um jornal literário é um claro atestado de que você já aceitou que a vida é feita de pequenas derrotas. E, sejamos honestos, um jornal literário não exige senha, não pede atualização, não vai te expor a vídeos de alguém explicando a “teoria da cebola” em cinco passos. Seja como for, a assinatura do **RelevO** é um lembrete de que você já gastou dinheiro com coisas muito ou igualmente piores.



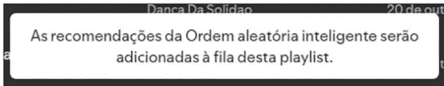
'IA' é só o veículo mais recente em direção à depressão

*Shape without form, shade without colour,
Paralysed force, gesture without motion;*

Você abre o Google, este veterano cada vez mais perdido em sua crise de meia-idade, e se depara com um resumo de inteligência artificial (IA) à sua consulta. Mais uma caixa de informação, acima de qualquer outra – acima até dos 50 anúncios dos quais precisa se esquivar para quem sabe encontrar alguma informação relevante, quem sabe até escrita por algum ser humano e, pasmem, quem sabe até sem a intenção primordial de *rankear no Google* [para vender algo].

As informações estão corretas? Não necessariamente. São relevantes? Não sei. Solucionam um problema? Até o momento, na minha experiência, nem de longe. Mas elas me empurram *inteligência artificial*, e algum executivo pode justificar para outros executivos que a funcionalidade *existe* e está *disponível*. “Sim, claro que temos IA. Vendemos IA. Lideramos em IA.”¹

Decepcionado, você consulta alguma de suas *playlists* no Spotify. “Músicas para fugir do Apocalipse”; “Músicas para causar o Apocalipse”; “Músicas durante o Apocalipse”. Decide ouvi-la em modo aleatório, mas não percebe que seu clique automaticamente habilita uma suposta... “Ordem aleatória inteligente”. Claro, *enriquecida com IA*.



Outra solução à procura de um problema. Nada contra, desde que eu não precise me esquivar dela.

Ah, o Spotify. Uma baguncinha intrusiva na ordem de suas listas é o menor dos problemas. Para quem não está acompanhando o apocalipse digital, uma novidade: de acordo com a investigação de Liz Pelly, autora do recém-lançado *Mood Machine: The Rise of Spotify and the Costs of the Perfect Playlist*, a companhia sueca tem jogado bem mais sujo que isso.

Para reduzir o pagamento de *royalties*, o Spotify tem promovido as próprias *playlists* (“jazz para dormir”, “blues para estudar” etc.) com um pequeno asterisco: trocar artistas consagrados por composições mais, digamos, próprias. Trata-se do Perfect Fit Content (PFC), um nome à prova de sátira.

Por meio do PFC, a empresa grava e compra composições (rápidas, triviais, banais) de músicos – e, principalmente, seus direitos autorais. Os artistas sequer sabem de que maneira isso é usado. Apenas gravam e cedem os direitos. Suas músicas surgem na plataforma sob pseudônimos e álbuns quaisquer.



*The End of the World (O fim do mundo) ou The Great Day of His Wrath
(O grande dia de Sua ira) [1851-53]. John Martin [1789-1854].*

E N C L A V E

a newsletter do Jornal Relevo

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

A reportagem completa sobre todo esse movimento foi publicada na Harper's Magazine. Recomendamos. Abaixo, um trecho valioso (traduzido via Bing – adoramos IA!):

Após ao menos um ano de pilotagem, o PFC foi apresentado aos editores do Spotify em 2017 como uma das novas apostas da empresa para alcançar a lucratividade. De acordo com um ex-funcionário, apenas alguns meses depois, uma nova coluna apareceu nos editores de painéis usados para monitorar listas de reprodução internas. O painel era onde os editores podiam ver várias estatísticas: reproduções, curtidas, taxas de pulo, salvamentos. E agora, bem no topo da página, os editores podiam ver com que sucesso cada *playlist* abraçou “música encomendada para se adequar a uma determinada *playlist*/humor com margens melhoradas”, como o PFC foi descrito internamente.

Os editores logo foram encorajados pelos superiores, com persistência crescente, a adicionar músicas do PFC a certas listas de reprodução. “Inicialmente, eles nos davam links para coisas, como: ‘Ah, não há pressão para você adicioná-lo, mas se você puder, seria ótimo’”, lembrou o ex-funcionário. Então ficou mais agressivo, tipo, ‘Ah, esse é o estilo de música da sua *playlist*, se você tentar e funcionar, por que não?’”

Evidentemente – ninguém precisa confirmar isso, basta juntar dois pontos quase colados –, o próximo passo, assim que tecnicamente viável, será trocar esses caros e desnecessários músicos por IA, certo?

Quem assiste?

Obras produzidas por ninguém para serem escutadas por ninguém. Se trocarmos músicas por filmes, podemos chegar na **Netflix**, outro Cavaleiro que jogou sua indústria de cabeça para baixo e, hoje, especializa-se em produzir uma gigantesca massa amorfa de absolutamente nada (com anúncios!).

Em outra belíssima reportagem, publicada na n+1, **Will Tavlin** aprofunda o marasmo de mediocridade exercido pela plataforma, que lança cada vez mais promovendo cada vez menos, contentando-se com o tamanho de sua videoteca.

Alguns trechos incríveis:

Em 2021, a Netflix anunciou que começaria a lançar um novo filme original toda semana. Um certo estilo logo começou a tomar forma, um anticinema entorpecente que qualquer pessoa que tenha assinado a Netflix nos últimos anos conhece de vista. Vou chamá-lo de **Typical Netflix Movie** (TNM, Filme Típico da Netflix). Do lado de fora, o TNM parece construído por algoritmos, como se tivesse sido projetado para atender a cada um dos dois mil “grupos de gostos” da Netflix, os agrupamentos de gênero que a Netflix usa para segmentar seu público, dar luz verde a programas e recomendar filmes e programas aos assinantes. O TNM cobre todos os nichos de interesse e categorias de identidade existentes, como um filme sobre uma garota alta, *Tall Girl*, mas também *Horse Girl*, *Skater Girl*, *Sweet Girl*, *Lost Girls* e *Nice Girls*. Aparentemente otimizado para mecanismos de pesquisa, o título de um TNM anuncia exatamente o que é – daí uma comédia romântica sobre um executivo do vinho chamada *A Perfect Pairing*, ou um mistério de assassinato chamado *Murder Mystery*. (...)

Os editores desses filmes parecem ter desistido também. O corte entre as tomadas é frenético. A iluminação é terrível. O TNM parece supersaturado e plano, com os pretos iluminados e os destaques opacos, resultado da insistência da Netflix de que seus originais sejam filmados com câmeras digitais poderosas que se comprimem mal nos laptops e televisores dos espectadores. (...)

Esse cinema desleixado funciona para o modelo de *streaming*, já que o público em casa muitas vezes mal presta atenção. Vários roteiristas que trabalharam [para a Netflix] me disseram que uma nota comum dos executivos da empresa é “faça com que esse personagem anuncie o que está fazendo para que os espectadores que têm esse programa em segundo plano possam acompanhar”. (“Passamos um dia juntos”, diz Lohan a seu amante, James, em *Irish Wish*. “Admito que foi um dia lindo, cheio de vistas dramáticas e chuva romântica, mas isso não lhe dá o direito de questionar minhas escolhas de vida. Amanhã vou me casar com Paul Kennedy”. “Tudo bem”, ele responde. “Essa será a última vez que você me verá, porque depois

que este trabalho terminar, vou para a Bolívia para fotografar um lagarto ameaçado de extinção.”)

E, de fato, não sabemos ao certo *quem* assiste o quê. Quando a Netflix anuncia que determinado título foi visto por X pessoas, o que isso significa na prática – mesmo, mesmo, mesmo – é que X contas abriram determinado filme ou série por *ao menos dois minutos*. Dois minutos! Tudo é tudo, nada é nada, não existe verdade, tanto faz.²

Estocada final

Certamente, você já ouviu **Mark Zuckerberg** falar sobre *fact-checking*, mudanças recentes na **Meta** etc. etc. Seu comentarista político favorito já dissertou sobre isso nas últimas semanas. Ok. No entanto, vamos além da novidade – se é que ainda existe novidade –, uma vez que a depressão é sempre mais funda e, portanto, perene.

Afinal, quão deprimente é o fato de essa mudança na plataforma ter tanta importância? Quão deprimente é o fato de o mundo inteiro parar para ouvir Mark Zuckerberg? Quão frágil é nosso sistema econômico a ponto de tudo [muito supostamente] *depend*er de uma megacorporação que, em última instância, *apenas* vende anúncios?³

A receita de publicidade da Meta é fundamental para seu negócio. Na verdade, é o único negócio da Meta no momento. No terceiro trimestre do ano passado, a publicidade representou 98% da receita total da Meta, de quase US\$ 40,6 bilhões. [morningbrew.com]

Not with a bang, but a whimper, claro que podemos descer mais. Alavancando de vez a teoria da internet morta, a Meta informou que passaria a adicionar usuários artificiais, criados por ela mesma, às suas redes. O movimento foi vilipendiado e, supostamente, a empresa voltou atrás. Até quando? Não sabemos.

É mais importante, ou ao menos mais curioso, entender os motivos e as consequências de a companhia *querer* acrescentar usuários falsos a seu ecossistema. Já vivemos em um universo onde as pessoas

podem comprar seguidores, então promover-se com base no número de seguidores, então retroalimentar-se infinitamente rumo ao estrelato (ou a carros de luxo alugados). Nós *somos* os homens ocos.

Claro, a Meta não daria ponto sem nó. Se a ideia é agregar soldados a uma fabricação de consenso para moldar opinião pública ou encher o saco por um fim mais besta, dificilmente saberemos. Alguma camada existe: ninguém aprova e executa uma ideia dessas à toa.

Cá estamos, com usuários falsos. Entre filmes genéricos para uma não audiência e músicas compostas para não serem escutadas. Dependentes de megacorporações disruptivas cujas únicas soluções são sempre mais e mais anúncios. Em uma superestrutura construída sobre – e ainda mais dependente de – anúncios. Quem sabe agora direcionados a usuários falsos. Eles sonham com ovelhas elétricas? Eu sonho?

“IA” consiste em muitas coisas. Também *não* consiste em tantas outras, a despeito de sermos inundados por ferramentas que nos empurram soluções à procura de problemas. A moda passará, como qualquer outra. Elementos úteis permanecerão. Haverá outra moda. Quem sabe a volta da realidade virtual, esse micropênis incapaz de subir. E tudo será RV. Máquinas de lavar RV; advogados RV. Enquanto isso, todavia, nadamos num tobogã de redundância cujo destino óbvio é a lama da depressão.]

¹ Enquanto escrevo isso, fecho seguidamente a mesma janela do Adobe, que insiste em me oferecer um assistente de leitura com IA para um simples pdf. E fujo das ferramentas de IA que poluem minha caixa de entrada do Gmail.

² Um adendo irrelevante para o todo, mas divertido: a história de origem da Netflix. Reed Hastings, o fundador, contou inúmeras vezes, ao longo de muitos anos, como teve seu estalo disruptivo ao pagar uma multa caríssima na Blockbuster. Pois bem, a história é falsa. Ele inventou. Quem diria. [Consta na matéria da n+1]

³ “As melhores mentes da minha geração estão pensando em como fazer as pessoas clicarem nos anúncios” Jeff Hammerbacher.

Valery Larbaud
Tradução de Amanda Fievet Marques

L’ETERNA VOLUTTÀ¹

Nulles des choses les plus douces :
Ni le parfum des fleurs décomposées,
Ni de la musique en pleine mer,
Ni l’évanouissement bref
De la chute des escarpolettes,
(Les yeux fermés, les jambes bien tendues,)
Ni une main tiède et caressante dans mes cheveux
M’emplissant le crane de mille petits démons
Semblables a des pensées musicales ;
Ni la caresse froide des orgues
Dans le dos, à l’église ;
Ni le chocolat même,
Soit en tablettes fondantes,
Fraîches d’abord puis brillantes,
Grasses comme des moines,
Tendres comme le Nord !
Soit liquide et fumant
(Hausse vers moi ton baiser lourd, colorada !
Qu’il me pénètre jusqu’à l’essoufflement,
Laissant du feu parfumé après lui
Et une moiteur délicate sur tout mon corps...)
Ni le fumet d’amandes de certains fards ;
Ni la vue des choses à travers des vitres rouges,
Ou mauves ou vertes Comme chez Daniéli, a Venise, au fumoir ;
Ni la sensation précieuse de la peur,
Ni le parfum des laques, ni
Les cris matinaux des cogs en pleine ville ; —
Nul des plus beaux spectacles :
Ni la Méditerranée
Avec son odeur a elle, âcre et bleue,
Avec son froissement et son battement —
Si caressants et courts a
Sur les flancs des navires. —
(Ob ! nuits sur le pont, quand pas malade, avec l’officier, de quart !
Et toi, Vigie, ange gardien de l’équipage,
Combien ai-je passé de nuits, silencieux,
A tes pieds, voyant les étoiles dans tes yeux,
Tandis que Boréas nous souffiait au visage.)
Avec ses îles,
Innombrables, diverses,
Les unes blanches avec le gris-vert des oliviers,
Les autres dorées, on l’on aperçoit des villages ;
D’autres : de longues choses bleues qui se cachent ;
Avec des détroits pleins de musique,
Bonifacio semblable aux portes de la mort,
Messine avec le Faro, Scylla étincelant
Dans la nuit,
Les Lipari avec de rares lumières (une, haute et rouge et coulante);
Et tout le jour
Toute cette mer
Pareille a un grand jardin fleuri...

Non, aucune de ces choses,
Aucun de ces spectacles,
Ne saurait me distraire
De la volupté éternelle de la douleur !
Vous voyez en moi un homme
Que le sentiment de l’injustice sociale
Et de la misère du monde
A rendu complètement fou !
Ah ! je suis amoureux du mal!
Je voudrais l’étreindre et m’identifier à lui ;
Je voudrais le porter dans mes bras comme le berger porte
L’agneau nouveau-né encore gluant...
Donnez-moi la vue de toutes les souffrances,
Donnez-moi le spectacle de la beauté outragée,
De toutes les actions honteuses et de toutes les pensées viles,
(Je veux moi-même créer plus de douleur encore ;
Je veux souffler la haine comme un bicher).
Je veux baiser le mépris a pleines lèvres ;
Allez dire à la Honte que je meurs d’amour pour elle ;
Je veux: me plonger dans l’infamie
Comme dans un lit très doux ;
Je veux faire tout ce qui est justement défendu ;
Je veux être abreuvé de dérision et de ridicule ;
Je veux être le plus ignoble des hommes.
Que le vice m’appartienne,
Que la dépravation soit mon domaine !
Il faut que je venge tous ceux qui souffrent
(Et le bonheur n'est pas non plus dans l’innocence) ;
Je veux aller plus loin que tous
Dans l’ignominie et la réprobation,
Je veux souffrir avec tout le monde,
Plus que tout le monde !
Ne fermez pas la porte !
Il faut que j’aïlle me vendre a n’importe quel prix ;
Il faut que je me prostitue corps et âme ;
J’ai si faim de mépris !
J’ai si soif d’abjection !
Et tant d’autres en sont repus ; tant d’autres :
Les Pauvres !
Hélas, je suis trop riche ; le Mal
M’est a jamais interdit quoi que je fasse :
Je suis un Riche, naturellement bon et vertueux ;
Si j’étais plus riche encore, peut-être
Je pourrais acheter la Honte,
Et la douleur et la bassesse toute nue du monde ?
Mais que du moins j’entende,
Monter toujours
Le cri de la douleur du Monde.
Que mon ceur s’en remplisse ineffablement ;
Que je l’entende encore de mon tombeau,
Et que la grimace de mon visage mort
Dise ma joie de l’entendre !

L'ETERNA VOLUTTÁ

Nenhuma das coisas mais doces:
Nem o perfume das flores decompostas,
Nem a música em pleno mar,
Nem o desfalecimento breve
Da queda dos baloiços
(Os olhos fechados, as pernas bem esticadas),
Nem uma mão quente e carinhosa em meus cabelos
Me enfunando o crânio com milhares de demoniozinhos
Similares a pensamentos musicais;
Nem a carícia fria dos órgãos
Nas costas, na igreja;
Nem sequer o chocolate,
Tanto em barras derretidas,
Frescas, primeiro, depois aquecidas,
Gordas como monges,
Ternas como o Norte!
Quanto líquido e fumegante
(Alce a mim seu beijo lento, rangarang!
Que ele me penetre até a sufocação
Deixando, consigo, fogo perfumado
E, em todo o meu corpo, uma delicada transpiração...)
Nem a olência a amêndoas de certas maquiagens;
Nem a visão das coisas através de vitrais rubros,
Ou malvas ou verdes
Como na casa de Daniéli, em Veneza, no fumódromo;
Nem a sensação preciosa do medo,
Nem o perfume das lacas, nem
Os gritos matinais dos galos em plena cidade –
Nenhum dos mais belos espetáculos:
Nem o Mediterrâneo
Com seu odor próprio, acre e azul,
Com seu frêmito e sua pulsação
Tão acariciantes e curtos
Sobre os flancos dos navios. —
(Oh! noites na ponte, quando não doente, com o oficial, de serviço!
E você, vigia, anjo da guarda da tripulação
Quantas passei, eu, noites, silencioso,
Aos seus pés, vendo as estrelas em seus olhos,
Enquanto Bóreas nos soprava ao rosto.)
Com suas ilhas,
Inumeráveis, diversas,
Umaz brancas com o verde acinzentado das oliveiras,
Outras douradas, onde se avistam vilarejos;
Outras mais: longas coisas azuis que se ocultam;
Com estreitos cheios de música,
Bonifácio similar aos portos da morte,
Messina com o Faro, Scylla cintilando
Na noite,
As Líparas com luzes raras (uma, alta e vermelha e fluindo);
E o dia todo
Todo esse mar
Semelhante a um grande jardim florido...

Não, nenhuma dessas coisas,
Nenhum deses espetáculos,
Não poderia me distrair
Da eterna volúpia da dor!
Vocês veem em mim um homem
Que o sentimento da injustiça social
E da miséria do mundo
Deixou completamente doido!
Ah! estou apaixonado pelo mal!
Queria abraçá-lo e me identificar a ele;
Queria carregá-lo em meus braços como o pastor carrega
O cordeiro recém-nascido ainda pegajoso...
Deem-me a visão de todos os sofrimentos,
Deem-me o espetáculo da beleza ultrajada,
De todas as ações vergonhosas e de todos os pensamentos vis
(Quero, a mim mesmo, criar ainda mais dor;
Quero insuflar o ódio como uma fogueira).
Quero beijar o desprezo em cheio nos lábios;
Ir dizer à Vergonha que morro de amor por ela;
Quero me imergir na infâmia
Como numa cama bem macia;
Quero fazer tudo o que é justamente proibido;
Quero beber da derrisão e do ridículo;
Quero ser o mais ignóbil dos homens.
Que o vício me pertença,
Que a depravação seja meu domínio!
Preciso vingar todos os que sofrem
(E a felicidade não está tampouco na inocência);
Quero ir mais longe que todos
Na ignomínia e na reprovação,
Quero sofrer com todo mundo,
Mais que todo mundo!
Não fechem a porta!
Preciso ir me vender a qualquer preço;
Preciso me prostituir de corpo e alma;
Tenho tanta fome de desprezo!
Tenho tanta sede de abjeção!
E tantos outros delas estão saciados; tantos outros:
Os Pobres!
Ai de mim, sou rico demais; o Mal
Me está para sempre interditado o que quer que eu faça:
Sou um Rico, naturalmente bom e virtuoso;
Se fosse ainda mais rico, talvez
Pudesse comprar a Vergonha,
E a dor e a baixeza toda nua do mundo?
Mas que ao menos eu ouça,
Elevar-se sempre
O grito da dor do Mundo.
Que meu coração dele se preencha inefavelmente;
Que o ouça ainda de meu túmulo,
E que o esgar do meu rosto morto
Diga minha alegria ao ouvi-lo!

1. O título original consta, de fato, em italiano, uma das línguas nas quais Larbaud era fluente; em português, “l’eterna voluttá” seria algo como “a eterna volúpia”. Poema extraído de *Poésies de A. O. Barnabooth* (1913), pp. 48-51. In: *Œuvres de Valery Larbaud*. Bibliothèque de la Pléiade. Préface de Marcel Arland, notes de G. Jean-Aubry et R. Mallet. Paris: Gallimard, 1957.



Gabriel Vidal Guedes

Droguinhas

I	II	III
Corredores arqueados temem quedarem-se sobre mim. Hortas lá fora, e nada é real, nada pode ser ebóreo tal como essas coisas que brotam das árvores. Um silêncio mediano de angústia, vidros rachados chorando o calor de dentro. Vai barquinho, navega nessa casa junto ao talude que somos. Quero revisar essa rota, reviver esse antigo amor que some tal que, diafanizo, ver-se-á se o quê, quando ela quer-que-quer estar morta? Gotas de chuva lá fora. somos ébrios de chuva, audiófilos dos refuljos. A verdade é que digito com os olhos apagados, <i>taí</i>, uma das verdades-supremas de todos os sufocados.	Até onde isso vai levar-nos-á? Tenho tanto pranto guardado. Baú de muitas tragédias. Baú cheio de pedras. Queria ter planejado algo diferente, e o papel é pouco para tão tantos esboços. E o reboco queda dos arcos enferrujados. &, desviado, o caminho sempre foi assim, sem nada... Amaldiçoado. No intervalo, impressão de solidão, eu e a velha desolação ou o desbridamento de memórias na quietude do rosto rude, grave, mas que grave grave — como pude? Nunca pude ser covarde, aguento no que afugento-me. Taí, uma verdade só minha; — <i>Will you please me ya?</i>	Por uma verdade de pedras escorridas das montanhas. Jurei que ela era facínora. Devoradora, ou, movediça... Enganado, encantei-me, enfeitiçado, e li-a Broquéis, Primeiros Cantos, sem pudor, e teus encantos, deu febre de amor, deu febre. Fere-me fera deferida. Fere-me fera com a afrodisíaca vertigem de uma estada. Picada mortal, sempre voltando de mãos facadas, e dadas, esvaindo de mim poucas responsabilidades, senão fazer um pouco de você assim. Pequeno, como se agiganta tão sinceramente perto de mim, me olhando? Vou fazer isso: fotografar com os olhos, não é assim?

Rainer Maria Rilke

Tradução de Gabriel Vidal Guedes.

Dia de Outono

Após a colheita do verão, Senhor, é o momento
de deixar a sua sombra estender-se sobre os relógios-de-sóis,
e sobre as pastagens deixar que sobre o vento forte e veloz.

Quanto aos frutos finais, logre-os à sua redondeza.
Direto sobre eles dois dias de luz que os aqueça
para robustecê-los-á excelência de sua estação e assolar
as últimas gotas de doçura através do forte vinho do verão.

Quem quer que esteja desalojado, não construirá abrigo;
quem vive sozinho, assim viverá, indefinidamente,
acordando para ler um livro, esboçando longas cartas,
e, ao longo das avenidas das cidades,
perambular sem rumo, quando as folhas caírem das árvores.

Herbsttag

Herr: es ist Zeit. Der Sommer war sehr groß.
Leg deinen Schatten auf die Sonnenuhren,
und auf den Fluren laß die Winde los.

Befiehl den letzten Früchten voll zu sein;
gieb ihnen noch zwei südlichere Tage,
dränge sie zur Vollendung hin und jage
die letzte Süße in den schweren Wein.

Wer jetzt kein Haus hat, baut sich keines mehr.
Wer jetzt allein ist, wird es lange bleiben,
wird wachen, lesen, lange Briefe schreiben
und wird in den Alleen hin und her
unruhig wandern, wenn die Blätter treiben



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOMINHOS
.COM.BR

EDITORAMOMINHOS

Robinson Jeffers
Tradução de Gabriel Vidal Guedes.

Eu devo rir puramente

1.
Vire-os àquela garota
Seus fixos olhos azuis.
Esbelta, como ela é,
E o seu belo rosto como de um gavião.
A história passa como rochas que caem.

Estou velho como uma pedra.
Mas ela é linda.
A guerra se aproxima.
Todos os belos jovens vão à guerra.
A história passa como rochas que caem.

Oh, aquela ali está para casar-se
Com um homem velho;
Você não será amparada
Quando seus filhos crescidos forem à guerra.
A história cai na sua cabeça como rochas.

Mantenha uma mente firme
Em maus tempos.
Em tempos de cão.
Por que um velhote não pode correr em surto?
A história cai como rochas no escuro,

Tudo piorar-se-á em confusão, em breve.

2.
Conte as glórias deste tempo,
Conte àquela garota que ela é linda, então conte à Inglaterra,
Sangrando, na Baía, magnífica,
Ao último leão,
Para que tudo piore-se, seriamente, em breve.

Conte àquela garota que ela é linda, conte ao longo da costa,
À íngreme rocha que parou o Pacífico,
Conte à ressaca no seu precipício,
Os gaviões ao ar,
Para que tudo piore-se, seriamente, em breve.

Conte suas águias e javalis selvagens,
Conte às congelantes tempestades do inverno,
À chuva-forte e o furacão,
Pegue-os pelo coração,
Para que tudo piore-se, seriamente, em breve.

Retirado de *The collected poetry of Robinson Jeffers*, publicado pela Stanford, Calif.: Stanford University Press. 1988, Volume 2.

Não conte nada humano, senão apenas
A grande luta da Inglaterra e a beleza da-
quela garota,
A História passa como rochas que caem,
Rochas no escuro,
E tudo piorar-se-á em confusão, em breve

3.
Mas, nisto, eu, veementemente, te asseguro
que não é o fim do mundo,
Nem mesmo o fim da civilização. Não é
tão tarde o quanto você
pensa; dê à natureza um tempo.
Essas guerras vão acabar, e devo liderar um
tropa de velhotes trêmulos
pela Europa e pela América,
Velhos bêbados, sugadores pervertidos;
ditadores caídos, reis
de fachada, um presidente desgraçado;
alguns generais
despachados
E milionários colapsados: nós devemos
decretar uma peça, devo
anunciar para audiência:
“Tudo piorar-se-á em confusão, em breve.”

Devemos ter cuidado com os cães loucos na Europa, e da polícia
na imperial América armada: —
Por toda aquela dor fora somente um pouco de poder: — nós devemos
decretar nossa peça: “Oh, era Cristã,
Faça um bom final,” mas, primeiro, anun-
cio para nossas audiências:
“Essa peça é profética, haverá séculos.
Essa peça não representa o fim do mundo,
Mas apenas a queda de uma civilização.
Não é tão tarde o quanto você
pensa: dê à natureza um tempo.”

Na Europa, devemos ter cuidado com os
cães famintos, e os comissários
políticos e da polícia na América.
Devemos desabafar no palcos dos nossos
improvisos nossas vozes
roucas: “Oh era Cristã,
Era do cavaleiros e dos bárbaros e das má-
quinas, era
da ciência e dos santos,
Quando você cair faça um lindo pôr do sol.

I SHALL LAUGH PURELY

Turn from that girl
Your fixed blue eyes.
Boy-slender she is,
And a face as beautiful as a hawk’s face.
History passes like falling rocks.

I am old as a stone,
But she is beautiful.
War is coming.
All the fine boys will go off to war.
History passes like falling rocks.

Oh, that one’s to marry
Another old man;
You won’t be helped
When your tall sons go away to war.

History falls on your head like rocks.

Keep a straight mind
In the evil time.
In the mad-dog time
Why may noy an old man run mad? History
falls like rocks in the dark, All will be worse
confounded soon.

2.
Count the glories of this time,
Count that girl’s beatu, the count England,
Bleeding, at bay, magnificent,

At last a lion,
For all will be worse confounded soon.

Count that girl’s beauty, count the coast-
-range, The steep rock that stops the Pacific,
Count the surf on its precipice,
The hawks in its air,
For all will be worse confounded soon.

Count its eagles and wild boars,
Count the great blue-black winter storms,
Heavy rain and the hurricane,
Get them by heatt,
For all will be worse confounded soon.

Count no human thing but only
England’s great fight and that girl’s beauty,
History passes like falling

Rocks in the dark,
And all will be worse confounded soon.

3.
But this, I steadily assure you, is not the
world’s end, Nor even the end of a civili-
zation. It is not so late as you Think: give
nature time.
These wars will end, and I shall lead a troupe
of shaky old Men through Europe and Ame-
rica,

Old drunkards, worn-out lechers; fallen
dictators, cast Kings, a disgraced president;
some cashiered
Generals
And collapsed millionaires: we shall enact a
play, I shall Announce to the audience:
“All will be worse confounded soon.”

We shall beware of wild dogs in Europe, and
of the police In armed imperial America: —
For all that pain was mainu a sifht of power:
—we shall Enact our play: “Oh Christian era,
Make a good end,” but first I announce to
our audiences: “This play is prophetic, it will
be centuries.
This play does not represent the world’s end,
But only the fall of a civilization. It is not so
late as you Think: give nature time.”

In Europe we shall beware of straving dogs
and political Comissars, and of the police in
America.
We shall rant on our makeshift stages in our
cracked Voices: “Oh Christian era,
Era of chivalry and the barbarians and the
machines, era
Of science and the saints,
When you go down make a good sunset.
Never linger superfluous, old and holy and
paralytic like India,

Go down in conclusive war and a great red
sunset, great age go down,
For all will be worse confounded soon."
We shall tour to the last verge and the open
Pacific, we shall sit on the yellow cliffs at
Hurricante Point And watch de centaurs
come from the sea; their splayed hoovers
plunge and stutter on the tide-rocks,
watch them swarm up,
The hairy and foamy flanks, the naked
destructive shoulders, the brutal faces and
the bent bows, Horde after horde, under the
screaming gulls: my old men will cough in
the fog and baa like sheep,
"Here comes the end of a civilization. Give
nature time," And spit and make lewd jokes.
But I shall laugh purely, Remembering what
old enthusiast named a girl's beauty and En-
gland's battle
Among the lights of his time: she being by
then a dyed hag, or more likely
One of those embalmer-fingered smiles in
the subsoil: and England will be
Not admirable. I shall laugh purely, knowing
the next age Lives on not-human beauty,
waiting on circumstance and its April, wea-
ving its winter chrysalis.
This snow falls on historical rocks.

André Giusti

21th century

Você precisa dar bom dia às plantas
você deveria cumprimentar os bichos
e abraçar as árvores
e conversar com as flores.
e se despedir das nuvens
sabendo que elas
não mais
estarão lá do jeito que estão.
Você precisa acordar mais cedo
e tomar café direito
escolher com calma
a camisa a blusa o sapato a sandália
escutar as histórias do teu filho
as angústias da tua mulher
os silêncios do teu marido
olhar teu vizinho no rosto
e mais tarde
arranjar uma porta uma janela
em que possa pôr
de vez em quando
a cara os pés lá fora
e tentar ao menos
não enlouquecer
com toda essa
gigantesca merda
que arranjaram
enquanto a gente
tenta viver.




**Poetas e Ficcionistas,
venham prosear com a gente**
publiqueconosco@editorapangeia.com.br
Conheça mais
www.editorapangeia.com.br

Nós nos desdobramos / Para que cada Escritor /
Tenha uma casa / Que possa chamar de Sua

Yuri Tocantins Ferreira

O ESPETÁCULO

(Se pelo conflito ou este orgulho mesquinho
— ou se de fato pela mistura nauseante de ambos
— esqueçamos os pormenores)
— pois recebi o chamado sobre a brasa.
Estava embrulhado junto duma foto
abaixo do vidro oleoso, marcado do milhão de digitais imper-
ceptíveis, e embora nunca tenha realmente visualizado seu con-
teúdo desagradável, me cativa a imagem insolente do teu olho
vermelho, untado de fuligem,
e uma esfera laranja do tamanho dum orvalho,
cheia de estática amarela, escorrendo
pelos teus cílios gentis (incapazes
de conter essa fúria escorregadia e incandescente,
que, mesmo descompromissada, ameaça ferir ao aterrissar)
e espocando como lava ao invés de desaparecer
— o que seria uma gêmea girando em seu eixo, ali eternamente
suspensa, ainda mais maligna pela capacidade da permanência.

“É apenas natural”, eu sei que você diria.
Você trabalha inclinada sobre essas grelhas de carbono,
açoitando a moita de fogo dentro da caixa de aço com alguma
espécie de álcool, para que crepite, convulsione; engula o oxigênio
e então cuspa essas sementes límpidas a ilustrar meus devaneios.
Estou certo de que um cliente passa e torna, embasbacado.
— Um espetáculo. A filosofia da *parrilla* é assar com perfeição.
É pelas laterais que as brasas pincelam a carne do polvo, a atrofian-
do; o peixe martirizado ainda mais lentamente, balançando em seu
gancho. Então, exatamente o que há de assustador nesse apelo,
que me transporta para uma mesa de plástico e uma cadeira frágil
onde, uma vez, muito menor e mais livre, li um livrinho ilustrado
com uma máquina de qualquer outro nome que ainda chamá-ri-
amos churrasqueira?

A máquina era um palácio dourado lustroso, embora o fogo de
sua base estalasse azul. O Mar vinha logo atrás, um personagem
excêntrico, salpicado de cristais salinos visíveis como as estrelas
acima deles na virada da página e da noite
— e quando a luz prateada da lua se espelhava em suas
ondas, era difícil diferenciar-lhes. Não posso dizer que havia
humanos por ali; realmente não me recordo
de alma alguma a [mergulhar, de modo que os peixes to-
mando o Mar por morada faziam redemoinhos ao lado de
corais [iridescentes,
felizes por curiosamente nunca serem pescados ou fritos.
Na verdade, a Churrasqueira só tostava pães e nozes, ofertados às
suas grelhas por uma [família de esquilos (ou eram camundongos?).
A questão é que ali nenhum homem jamais amolou lâmina alguma;
espada alguma, apontando cuidadosamente as células do fio de
corte na prata para que um discípulo compreendesse onde as
estradas cegas bifurcam. Os camundongos (ou eram esquilos?)
nunca precisaram de adagas para arrebentar suas [nozes, porque
seus dentes bastavam.

Me pergunto se a mágica que lhes animava lhes daria também a
habilidade de amolar
sem que isso lhes fosse ensinado meticulosamente.
Não foi assim com você. Nunca é assim com os açougueiros,
você me conta. — Na verdade, você se deita e me conta tudo,
um dia, enquanto observamos aquela faca de
[lâmina dilacerada e aparência desdentada.
Está escuro, mas o quarto está azul por conta da luz detrás da
minha mão, que faço piscar, e posso imaginar uma projeção com
as mãos hábeis dele, repousadas sobre a pedra
[submersa; o barulho do aço ao raspar
na superfície úmida, e então o espeto
desbastando os nós cegos; nunca ao
contrário, como costumam fazer.
As tuas mãos repetem o processo, escamadas não porque o des-
conheciam, mas pela eventualidade desenrolada de todo o resto,
que não envolve churrasqueiras
[douradas, ou a conveniência da magia.
No mundo do livrinho e dos peixes poupados, a dividir fronteira
com diversos outros, onde, num, o loiro cozinha com um terno
que nunca suja,
a brasa que o teu glóbulo mira é apenas metafórica; de papel
cheiroso, e não permanece girando ferozmente como um planeta
cheio de magma e estática.

É um espetáculo, sim; tudo é apenas eventual, ou natural
(— eu te ouço falar no escuro? Essa história, em particular, já
foi mesmo contada? — ou será que li no sumário da peça da
quinta retrasada,
de olhos extremamente espremidos, me concentrando na
sobreposição da luz fraca
[que expelia a arandela antiquada à tinta preta, tornando-a azulada;
mesclando essa leitura teatral à leitura também do livrinho
perdido e à minha leitura ao teu corpo cansado; aos olhos
fechados, e aos cílios
[surpreendentemente besuntados de rímel;
iluminados também pela lanterna detrás da minha mão,
que também azul tudo torna, e faz deles borlas violetas,
como as guelras do peixe da página seis, ou dezesseis;
como costumavam ser as guelras do peixe dependurado sobre
a grelha do
[verdadeiro palácio em chamas
— Ó, salgado sarcófago araneiforme!
Cristo, Clarisse — desse espetáculo fumegante e perigoso,
de onde não vemos o suor se misturando com sangue, para
então se misturar com

[óleo —
ninguém realmente sabe.
Apenas você.)

Douglas Lobo

O Ajudante

Irineu Lobato já não sabia mais como impedir a falência da pousada.

Nos últimos meses, já cortara todas as despesas que podia: reduzira as frutas e os frios do café, aumentara o preço do almoço e do jantar, dispensara uma das duas cozinheiras e algumas das faxineiras.

Pouco adiantara.

Irineu estava acostumado a dificuldades. Afinal, montara a pousada do nada, com o pouco que o pai deixara; mas ele sentia que estava acima de suas forças resolver o real problema do negócio: falta de ocupação.

Nos últimos meses ele vira os hóspedes minguarem. Na proporção inversa, vira a violência crescer no bairro: latrocínios, assaltos a carros-fortes, tiroteios entre facções do narcotráfico.

Quem iria querer se hospedar num bairro assim? Irineu pensava. Ele mesmo não já havia pensando em se mudar? Voltar pro interior? A cidade tinha crescido demais — ao menos pra um homem como ele, que gostava de ordem, de regramento. Desde jovem, dormia e acordava no mesmo horário, estabelecia rotinas que jamais descumpria, calculava o tempo a gastar em cada tarefa de modo a evitar surpresas na agenda. Mesmo agora, à beira da falência, continuava assim.

Se ainda havia alguma esperança para a pousada, isso só ocorria por causa de Mateus. O rapaz de 20 anos trabalhava por dez. Fazia um pouco de tudo, e sempre com esmero. Em troca, ganhava um salário mínimo, moradia e alimentação. Era o ajudante que qualquer um gostaria de ter.

Daí o desespero de Irineu quando o jovem morreu.

★

Ninguém nunca soube ao certo o que ocorreria.

O motorista que atropelou Mateus disse à polícia que o rapaz estava no meio da pista, de joelhos, a alguns metros da pousada. As luminárias dos postes da rua estavam quebradas, e o motorista só o enxergou, com os faróis, quando

era tarde demais.

A necropsia mostrou que Mateus estava embriagado. A polícia descobriu que as luminárias dos postes haviam sido quebradas de propósito, na noite anterior.

A descoberta mais surpreendente foi a de que os cadarços dos tênis de Mateus estavam entrelaçados. Os policiais levantaram a hipótese de que isso o fizera tropeçar. Irineu mencionou à polícia que Mateus, nos últimos dias antes da morte, começara a se comportar de modo estranho. O rapaz começara a atrasar as tarefas. Atendia ligações e saía em seguida, para só retornar de madrugada, com hálito de bebida. O dono da mercearia em frente reclamava de que Mateus não saldava o fiado.

Irineu nunca descobrira com quem Mateus falava ao telefone.

★

Os dias seguintes à morte do rapaz foram de desespero.

Sem Mateus, Irineu teve que pôr mãos à obra: cortar a grama do quintal, limpar a piscina, alimentar e dar banho nos cavalos que alugava para os hóspedes. Em algumas semanas, estava esgotado. Já tinha 60 anos, não conseguia mais trabalhar tanto assim. Ele colou na porta da frente um anúncio escrito, com a oferta de vaga.

Ninguém apareceu.

As contas chegavam e Irineu não tinha dinheiro para pagá-las. A luz estava atrasada há dois meses. A água, idem.

Foi durante uma semana das mais difíceis, quando não havia nenhum hóspede e ele se vira forçado a dar folga para a equipe, que um rapaz entrou na pousada. Irineu jamais o vira antes. Ele tinha a altura de uma criança. Vestia calça brim e boné vermelhos, e uma camiseta branca. Tinha pele negra e cabelos pretos encrespados. Mancava da perna direita ao andar.

— Quer um quarto, garoto? — perguntou Irineu.

— Quarto, não. Emprego, sim.

— Qual seu nome?

— Sávio.

— De quê?

— Pereira.

— Nunca te vi por aqui.

— De muito longe venho.

— O que há com a perna?

— Acidente na linha de trem — ele levantou a aba da calça, deixando à mostra uma perna mecânica de madeira. A visão da perna amputada enterneceu Irineu. Sem mais perguntas, decidiu contratá-lo.

★

Para surpresa de Irineu, Sávio trabalhava tão bem — ou até melhor — que Mateus.

Não bastasse isso, também sabia cozinhar. Tão bem que Irineu dispensou a cozinheira. Sávio também parecia entender do negócio de pousada. Melhor que o próprio Irineu. O rapaz apresentava uma sugestão atrás da outra. Seu Lobato, e se o senhor divulgasse a pousada na *internet*? — é barato. Que tal abrir o restaurante pro público? Aí o senhor depende menos dos hóspedes. E esses cavalos? Ficam metade do dia à toa, que tal alugar eles pras crianças andarem lá no parque?

Irineu seguiu os conselhos.

Com o restaurante aberto ao público e os cavalos no parque, ele teve fôlego financeiro. Com o anúncio na *internet*, os hóspedes aumentaram. O boca-a-boca atraíu outros, que atraíram outros, e outros — até que a pousada passou a lotar.

Irineu queria guardar o lucro na poupança. Sávio demoveu-o:

— Use pra melhorar a piscina, o jardim, os quartos. Aí cobre mais caro.

Irineu seguiu o conselho. Além de melhorias de estrutura, implementou serviço de quarto. Também contratou mais pessoal. Em alguns meses a pousada continuava lotada, e o lucro, maior.

★

Após meses de lucro, Irineu decidiu colocar o dinheiro na poupança.

De novo, Sávio demoveu-o:

— Trabalhar, trabalhar... Há quanto tempo o senhor vive assim?

— Desde sempre, garoto.

— E curtir a vida? Não seria a hora?

Como assim, “curtir a vida”? replicou Irineu. Seu pai não o criara desse jeito.

Sávio replicou. Os filhos de Irineu já estavam crescidos, não moravam mais com ele; a esposa tinha boa saúde; os pais já haviam falecido. Ele não podia se permitir alguma diversão?

Irineu acabou por ceder.

Com o ajudante, passou a frequentar rodas de pôquer. Cassinos. Restaurantes de luxo. *Shows*. Até cabarés. Irineu passou a acordar às 11h, 12h. Muitas vezes de ressaca. Passou a ter cada vez menos interesse na pousada. Deixava-a mais e mais sob comando de Sávio. Em alguns meses, o ajudante já tinha plena autoridade, demitindo e contratando quem quisesse.

Logo o dinheiro começou a acabar.

A esposa tentou alertar Irineu:

— Nós estamos afundando. E tudo começou com esse garoto.

— Não fala besteira, mulher.

Ela insistia. Será que Irineu não conseguia ver como Sávio era estranho? Ninguém sabia quem eram os pais dele. Ou em que cidade ele nascera. E a calça e o boné vermelhos, que ele usava *todos* os dias? será que ele nunca os lavava? Quando discutiam assim, Irineu terminava por se levantar. Saía da casa — anexa à pousada — e ia até o quintal, por onde caminhava enquanto fumava um cigarro.

★

Nas semanas seguintes, Irineu gastou, com prostitutas, restaurantes e jogos, todo o restante do dinheiro. Sem recursos, teve que cortar os anúncios na *internet*. Também diminuiu o tamanho das refeições, a ração dos cavalos, a frequência na limpeza da piscina. Cancelou o serviço de quarto. À medida que o dinheiro se esvaía, assim também sua saúde. Sentia-se cada vez mais cansado. Perdera peso. Tinha insônia. Já Sávio, parecia ter ficado mais jovem do que já era. A musculatura se tonificara, a pele adquirira mais cor. Aos poucos, os hóspedes sumiram. Irineu teve que demitir a equipe, um a um. Só restou Sávio.

A esposa de Irineu não escondia a irritação — com o marido e com Sávio. As discussões entre o casal se tornaram rotina. A tranquilidade doméstica também passou a ser abalada por alguns acontecimentos. O cachorro às vezes vomitava, no meio da sala, por ter comido algo que não podia. Os cavalos viviam exaustos, como se alguém estivesse correndo com eles. Açúcar aparecia no saleiro, e o sal, no açucareiro. O desarranjo doméstico, a falência, as discussões — tudo isso foi demais para a esposa. Um dia, quando Irineu voltou de um bar — um dos poucos que ainda lhe vendia fiado — descobriu que ela havia ido embora.

★

Nos dias seguintes, Irineu caiu doente.

No posto de saúde, o médico não conseguiu dar um diagnóstico.

— A impressão, senhor Irineu, é que o senhor teve um esgotamento. Dos fortes.

O médico prescreveu medicação.

Não adiantou.

De cama, o celular sem linha porque não pagara a conta, Irineu pediu que Sávio procurasse pela esposa e pelos filhos. Ele precisava de dinheiro para consultar médicos particulares.

Sávio saiu.

Não voltou naquele dia.

Semanas se passaram.

Ninguém apareceu.

Irineu não conseguia nem se erguer da cama.

Gritava por Sávio.

O ajudante sumira.

Sem comer e beber, Irineu perdia, dia a dia, suas forças.

Uma noite, no quarto às escuras, ele se assustou ao ver alguém de pé, a seu lado.

Sávio.

O ajudante o fitava. Na boca, um sorriso. À mão direita, um cachimbo aceso.

— Quem... — perguntou Irineu, cada palavra como um peso de toneladas que tivesse que erguer — ... é você?

— Nomes, eu tenho vários.

— O que você quer... de mim?

— O que eu queria você já me deu. Tive que matar Mateus para conseguir.

— Não... entendo....

O rapaz sorveu o fumo, baforando em seguida a fumaça enquanto dizia:

— Do caos, da desordem e da desgraça alheias eu tiro minha energia.

— E o que... acontece comigo?

— Morrer é o que acontece com você. Voltar pro meu mundo, é o que farei.

— Seu filho de uma... — Irineu sentiu uma pontada no estômago. — Por que não continuou por lá?

— Banimento. Tive que vir pra cá. Viver como um de vocês. Minha energia tenho de volta, graças a você. Nem preciso mais dessa perna.

Reclinando-se, ele retirou com as mãos a perna de madeira, que jogou ao chão.

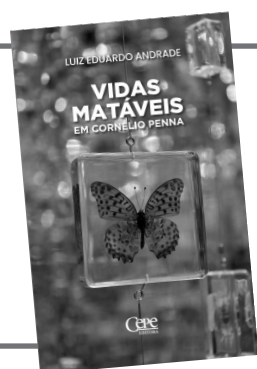
Mesmo numa perna só, conseguia se equilibrar como se em duas.

A criatura que se dizia chamar Sávio aspirou o fumo mais uma vez, antes de dizer, enquanto expelia a fumaça:

— Adeus, seu Lobato. Grato sou por tudo que fez por mim.

Então, o rapaz, charuto à mão, boné e calça vermelhos, girou sobre si próprio. Uma, duas, três, várias vezes — até se tornar um redemoinho, que se deslocou para fora do quarto e desapareceu com um clarão.

Irineu mal teve tempo de pensar sobre o que acabara de ver. A visão dele se turvou. Os batimentos cardíacos diminuíram. As últimas forças se esvaíram de seu corpo. A escuridão em torno dele ampliou-se, envolvendo-o, engolindo-o, até finalmente absorvê-lo na eternidade.



Este livro, fruto de um trabalho de fôlego em termos teóricos, pensa, a partir dos conceitos de biopolítica, de "homo sacer" ("homem sacro"; ser matável) e de "estado de exceção", os romances do escritor Cornélio Penna: "Fronteira" (1935), "Dois romances de Nico Horta" (1939), "Repouso" (1948) e "A menina morta" (1954). Nessa releitura, Luiz Eduardo Andrade propõe novos caminhos para a leitura do autor modernista, renovando o olhar crítico sobre sua obra. Com prefácio de Sabrina Sedlmayer.

livraria.cepe.com.br/vidas-mataveis-em-cornelio-penna

Dudu Marchiori

Você sabe que semana passada eu fui visitar a minha mãe, fui de avião. Chegando no guichê da companhia aérea no aeroporto, com a passagem já comprada, o atendente me disse que tinha alguém no meu lugar. O tal de overbook. Que diabos é overbook? Por acaso, eu tô no guichê de uma companhia aérea ou tô numa biblioteca? Porque book pra mim é livro, né? Será que eu devia ter comprado a minha passagem numa livraria? Essa palavra book é engraçada, né? Toda menina que sonha em ser modelo quer fazer um book. Mas olha que coisa incoerente, uma modelo fazendo um book? Um book nem é um book! Porque só tem figuras, poderia ser no máximo uma *Caras Fashion*. Sabe, eu tô falando essa coisa de overbook em aeroporto, vocês já imaginaram essa situação em uma rodoviária? Porque rodoviária só tem ônibus, passageiro e vendedor de amendoim.

Quem é que viaja comendo amendoim? Amendoim numa rodoviária? Amendoim? Quem come amendoim? Você já viu amendoim? Só elefante come amendoim. É capaz de um dia eu entrar num ônibus, ter um elefante comendo amendoim, sentado em duas poltronas, porque ele é muito grande, e aí vai dar overbook. Sem contar, pessoal, que é muito estranho um elefante ser garoto-propaganda de uma marca de massa de tomate. Eu acho que dentro da lata de tomate devia ter não massa de tomate, mas amendoim. Porque, para pra pensar, não, para pra pensar, vocês já viram algum elefante entrando num restaurante italiano pra comer macarronada? Ou italiano comendo amendoim? Imagina que coisa ridícula. *Mamma mia, che mangiare amendoim?* É muito interessante esse mundo animal, esse mundo dos bichos grandes, como, por exemplo, o elefante, a baleia, o Tim Maia.

A baleia, por exemplo, pessoal, a baleia é um bicho imenso, enorme, com mais de 500 mil toneladas, com uma boca gigante, uma boca igual a do Mick Jagger. Por que será que ela engole milhares de plânctons de uma bocada se ela podia, de repente, com uma bocada engolir, por exemplo, um tubarão branco? Será que o Mick Jagger consegue engolir um tubarão branco, dar uma bocada no tubarão branco? Acho que não, né? Bom, o tubarão branco eu não sei se deixa comer, mas pira [piranha], né, com certeza. Você sabe que semana passada eu fui num restaurante de frutos do mar comer uma lagosta, eu tô pagando até hoje, né? Tô duro! Tô duro, mas não tô deprê, né, tô duro pra cima, ó. Ela não gosta de nego em geral, ela gosta de nego duro, ó, vem que eu tô duro, vem, vem, vem que eu tô quente.

Vocês conhecem a piada do não, nem eu? Nem eu! E a piada do créu? E a piada do créu? Créu! Obrigado, galera, obrigado, lembrando que toda terça tem aqui o espetáculo do Dudu Marchiori, o Rei do Stand-Up, ao vivo, tá bom, galera, e toda quinta Dudu improvisa com vocês aqui no Teatro Prepúcio Ferreira. Obrigado pela presença, fomos juntos hoje!

